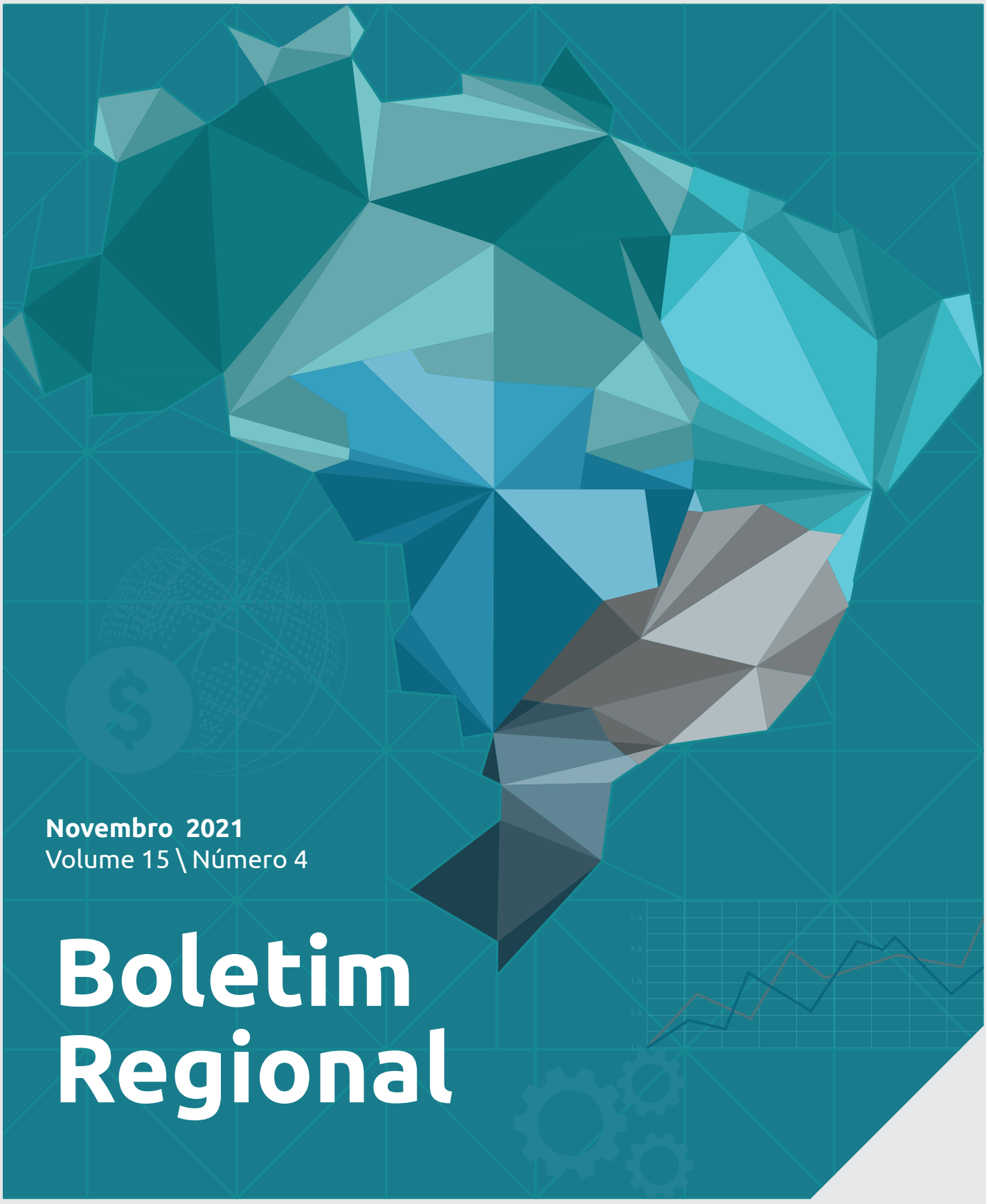


Novembro 2021
Volume 15 \ Número 4

Boletim Regional

BANCO CENTRAL DO BRASIL

Novembro 2021
Volume 15 \ Número 4

Boletim Regional

ISSN 2175-9278
CNPJ 00.038.166/0001-05

Boletim Regional

Publicação trimestral do Banco Central do Brasil/Departamento Econômico**.**

Os textos, as tabelas e os gráficos são de responsabilidade dos seguintes componentes do **Departamento Econômico (Depec)** (*e-mail*: depec@bcb.gov.br):

Região Norte – Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Pará (*e-mail*: pa.depec@bcb.gov.br);

Região Nordeste – Coordenação Regional do Nordeste (*e-mail*: pe.depec@bcb.gov.br),
Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste na Bahia (*e-mail*: ba.depec@bcb.gov.br);
Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste no Ceará (*e-mail*: ce.depec@bcb.gov.br),

Região Centro-Oeste – Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br),

Região Sudeste – Coordenação Regional do Sudeste (*e-mail*: sp.depec@bcb.gov.br),
Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br),
Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste no Rio de Janeiro (*e-mail*: rj.depec@bcb.gov.br);

Região Sul – Coordenação Regional do Norte e Sul (*e-mail*: rs.depec@bcb.gov.br);
Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Paraná (*e-mail*: pr.depec@bcb.gov.br).

Informações sobre o Boletim
Telefone: (61) 3414-1061
Fax: (61) 3414-2036

É permitida a reprodução das matérias, desde que mencionada a fonte: Boletim Regional do Banco Central do Brasil, v. 15, n. 4.

Convenções estatísticas

...	dados desconhecidos.
-	dados nulos ou indicação de que a rubrica assinalada é inexistente.
0 ou **0,0**	menor que a metade do último algarismo, à direita, assinalado.
*****	dados preliminares.

O hífen (-) entre anos (2004-2006) indica o total de anos, incluindo o primeiro e o último.
A barra (/) utilizada entre anos (2004/2006) indica a média anual dos anos assinalados, incluindo o primeiro e o último, ou, se especificado no texto, ano-safra ou ano-convênio.

Eventuais divergências entre dados e totais ou variações percentuais são provenientes de arredondamentos.

Não são citadas as fontes dos quadros e gráficos de autoria exclusiva do Banco Central do Brasil.

Atendimento ao Cidadão

Banco Central do Brasil
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 2º subsolo
70074-900 Brasília – DF
Telefone: 145 (custo de ligação local)
Internet: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/faleconosco>

Sumário

Apresentação 5

Sumário executivo 7

Região Norte 9

Região Nordeste 13
- Bahia 16
- Ceará 18
- Pernambuco 20

Região Centro-Oeste 23

Região Sudeste 27
- Minas Gerais 30
- Rio de Janeiro 32
- São Paulo 35

Região Sul 37
- Paraná 40
- Rio Grande do Sul 42

Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais 45

Boxes
- Consumo regional de bens e serviços na pandemia 49
- Recuperação regional das atividades turísticas 52
- Evolução regional do crédito no terceiro trimestre de 2021 55

Apêndice 59

Apresentação

O "Boletim Regional do Banco Central do Brasil" é uma publicação trimestral do Banco Central do Brasil que apresenta as condições da economia por regiões e por alguns estados do país. Sob o enfoque regional, enfatiza-se a evolução de indicadores que repercutem as decisões de política monetária – produção, vendas, emprego, preços, comércio exterior, entre outros. Nesse contexto, a publicação contribui para a avaliação do impacto das políticas da Autoridade Monetária sobre os diferentes entes da Federação, à luz das características econômicas locais e das gestões políticas regionais.

As análises e informações do "Boletim Regional" buscam oferecer à sociedade – em particular, a gestores de política econômica nas esferas subnacionais, pesquisadores e integrantes do meio acadêmico, empresários, investidores, e profissionais de imprensa – elementos que contribuam para identificar a forma e, especialmente, a magnitude de repercussão, no âmbito regional, das políticas implementadas. Ao mesmo tempo, a publicação contribui para dar à sociedade conhecimento dos critérios analíticos da Instituição.

O "Boletim Regional" analisa as economias das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul e dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A disponibilidade de estatísticas econômicas, bem como a distribuição geográfica das representações do Banco Central, influenciou a escolha dos estados. Assim, para as regiões que possuem apenas uma representação institucional – Norte e Centro-Oeste –, optou-se pela análise agregada regionalmente. Para as regiões em que existem mais de uma representação, são apresentadas, além da análise regional, as análises para os estados nos quais se encontram as representações.

Homogeneidade, abrangência e regularidade foram os principais critérios de escolha das estatísticas e das fontes. Dessa forma, em sua maior parte, os dados têm como origem os órgãos e os institutos

de âmbito nacional, destacadamente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os entes da administração direta. Em alguns casos, foram utilizadas, complementarmente, informações de entidades regionais. Dados sem tratamento das fontes foram dessazonalizados pelo Departamento Econômico do Banco Central do Brasil (Depec).

Sumário executivo

Indicadores recentes da atividade mostram resultados distintos entre os setores da economia brasileira. A produção industrial e as vendas do comércio, que se recuperaram mais rapidamente dos impactos da Covid-19, apresentaram desempenhos negativos e abaixo do esperado nos últimos meses. Por outro lado, segmentos do setor de serviços mais atingidos pela pandemia continuam em trajetória de recuperação robusta. Prospectivamente, o cenário é de retomada da atividade, ainda que menos intensa e mais concentrada no setor de serviços do que prevista anteriormente. Regionalmente, esse comportamento, em parte pela estrutura produtiva, tende a favorecer as economias do Nordeste e Sudeste.

A atividade econômica no Norte não repetiu o desempenho positivo observado no trimestre anterior – o recuo na margem refletiu a desaceleração na indústria e no comércio, impactados pela limitação da oferta de insumos na cadeia produtiva. Por outro lado, a recuperação gradual do mercado de trabalho e o patamar elevado das cotações das *commodities* minerais e agrícolas contribuíram para mitigar a queda da atividade regional. Nesse cenário, o Índice de Atividade Econômica Regional (IBCR-N) recuou 1,0% no terceiro trimestre do ano (+2,6% no segundo), influenciado pelos desempenhos no Amazonas (-3,1%) e Pará (0,9%).

O crescimento econômico do Nordeste no trimestre encerrado em setembro foi liderado pelos serviços, destacando-se os destinados às famílias e de transportes, em ambiente de recuperação gradual da mobilidade. O mercado de trabalho, apesar do aumento do desemprego, manteve a geração de postos de trabalho. A indústria de transformação, diferentemente das demais regiões, também cresceu, porém, a expansão não foi disseminada entre as atividades. O IBCR-NE expandiu 0,5% em relação ao trimestre anterior, quando crescera 0,8%.

A região Centro-Oeste registrou crescimento mais moderado no terceiro trimestre, influenciado, em

especial, pela queda na produção de milho e cana-de-açúcar. O resultado positivo foi sustentado pela expansão do comércio, da construção civil e, notadamente, dos serviços de alojamento e alimentação e outros que envolvem maior interação social. Nesse contexto, o IBCR-CO cresceu 0,7% no período (2,3% no anterior).

A atividade econômica do Sudeste continuou em expansão no terceiro trimestre. A recuperação do setor de serviços, em linha com o avanço da vacinação e menor efeito da pandemia, favoreceu o resultado no período. Contudo, esse movimento foi parcialmente arrefecido pelo menor dinamismo do comércio e da indústria, que sente os impactos do aumento de custos e falta de insumos. No mercado de trabalho, os indicadores continuam evidenciando melhora na margem, refletindo em boa medida a retomada mais vigorosa do setor de serviços. No trimestre, o IBCR-SE variou 0,4%, após expansão 0,8% no anterior.

A economia do Sul – medida pelo IBCR-S – recuou 0,7% no terceiro trimestre (+0,2% no segundo), após quatro trimestres consecutivos de alta. O setor industrial, com a continuidade das dificuldades na cadeia de suprimentos e dos aumentos de custos, contribuiu para a retração da atividade. O mercado de trabalho recuperou-se parcialmente, mas permanece com elevada taxa de desocupação, com efeitos negativos sobre a renda (e o consumo) das famílias. No setor terciário, os serviços cresceram, sobretudo os prestados às famílias. O crédito segue favorecendo a atividade, apesar do ciclo de aperto monetário em andamento, com destaque para as operações de financiamento rural.

1 Região Norte

Gráfico 1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Norte
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100

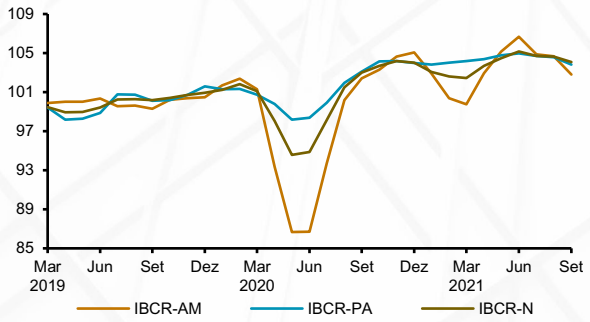
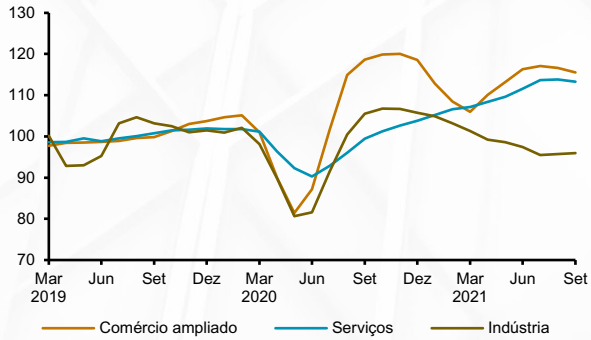
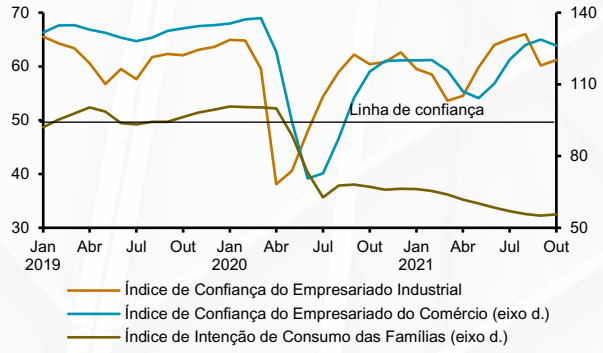


Gráfico 1.2 – Comércio, serviços e indústria – Norte
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 1.3 – Confiança dos agentes – Norte
Em pontos



Fontes: CNI e CNC

A atividade econômica no Norte não repetiu o bom desempenho observado no trimestre anterior. O recuo na margem refletiu a desaceleração na indústria e no comércio, impactados pela limitação da oferta de insumos na cadeia produtiva. Por outro lado, a recuperação gradual do mercado de trabalho, além do patamar elevado das cotações das *commodities* minerais e agrícolas favoreceram a economia da região. Nesse cenário, o IBCR-N recuou 1,0% no terceiro trimestre do ano, influenciado pelas retrações no Amazonas (3,1%) e Pará (0,9%). Em doze meses, o IBCR-N acumulou expansão de 4,0%.

As vendas do comércio reverteram crescimento assinalado no intervalo anterior. O Norte encerrou o terceiro trimestre com recuo de 0,7% no comércio ampliado (+9,7% no segundo)[1], com quedas em cinco dos sete estados da região. Dados do licenciamento de automóveis e comerciais leves[2], *proxy* das vendas de veículos, também registraram retração (6,4%), diretamente impactada pela menor oferta da indústria automotiva.

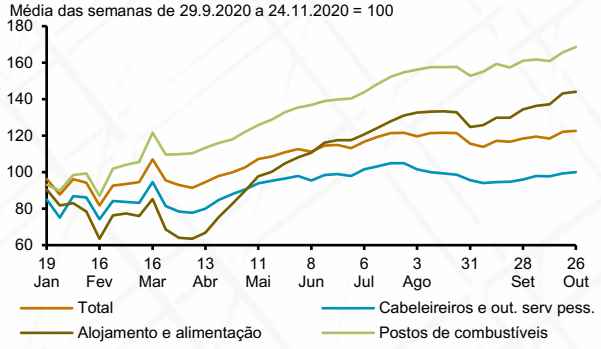
Estatísticas relacionadas à confiança de consumidores e empresários apontam perspectivas distintas de evolução da atividade do comércio. Enquanto o Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec)[3] vem permanecendo na área de otimismo há vários meses, o índice de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) da região recuou ao menor patamar da série, registrando média de 55,5 pontos no trimestre encerrado em outubro.

Contudo, informações mais recentes das vendas com cartão de débito[4] indicam a propensão de crescimento do faturamento do varejo até o final de outubro, em maior proporção nos setores de alimentação e combustíveis. Prospectivamente, espera-se que no último quarto do ano o desempenho do setor melhore, impulsionado pelas vendas de final de ano, com a *Black Friday* e Natal.

1/ Volume de vendas do comércio ampliado, segundo dados dessazonalizados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE.
2/ Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave).
3/ Divulgado pela Confederação Nacional do Comércio (CNC).
4/ Dados da Câmara Interbancária de Pagamentos – Sistema de Liquidação de Cartões (CIP/SLC).

Gráfico 1.4 – Vendas com cartão de débito – Norte[1/]

Média das semanas de 29.9.2020 a 24.11.2020 = 100



Fonte: Câmara Interbancária de Pagamentos (CIP); elaboração BCB

Tabela 1.1 – Evolução do emprego formal – Norte

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil)[1/]			
	2020	2021		
	Dez	Mar	Jun	Set
Total	31,3	28,2	49,0	58,3
Indústria de transformação	1,3	3,6	5,8	8,3
Comércio	21,9	6,6	12,2	12,9
Serviços	10,8	13,7	15,7	22,4
Construção civil	-3,6	1,2	10,4	9,0
Agropecuária	-0,4	1,7	2,4	2,8
Serviços ind. de utilidade pública	0,8	0,0	0,4	0,6
Outros[2/]	0,5	1,4	2,1	2,3

Fonte: MTP

1/ Caged sem ajuste. Refere-se ao trimestre encerrado no mês.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 1.2 – Produção industrial – Norte

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos[1/]	Variação % no período		
		2021		
		Jun[2/]	Set[2/]	12 meses
Indústria geral	100,0	-3,8	-1,5	3,1
Indústrias extrativas	38,3	-4,3	-0,5	-0,2
Indústrias de transformação	61,7	5,5	-8,0	8,3
Informát., eletrôn. e ópticos	12,9	8,9	-11,0	3,6
Bebidas	10,4	2,9	-8,4	14,2
Outros equip. transporte	8,4	32,3	-19,5	27,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Em serviços, apesar do arrefecimento da intensidade da recuperação na margem, o setor registrou expansão no terceiro trimestre. Houve aumentos em quatro estados, principalmente no Amazonas. Usando dados das compras com cartão de débito como *proxy* para o comportamento dos serviços às famílias, os segmentos inicialmente mais afetados pelas restrições de mobilidade, como o turismo, lazer e serviços pessoais vêm mostrando recuperação mais intensa.

No mercado de trabalho formal, o saldo na geração de vagas vem crescendo ao longo do ano. No terceiro trimestre alcançou 58,3 mil, superior ao alcançado no mesmo período de 2020, segundo dados do Caged. Por Unidade da Federação (UF), o Pará, responsável por quase metade da criação de vagas no período, continua se destacando. Sobressaíram as atividades do comércio, administrativas e serviços complementares, construção civil e indústria de transformação. No acumulado em doze meses, houve geração líquida de 166,9 mil postos de trabalho formais. A taxa de desocupação no Norte caiu de 14,8% no primeiro trimestre para 14% no segundo[5].

A produção industrial da região, em linha com o ocorrido na indústria nacional, contraiu no trimestre. A indústria geral recuou 1,5% no período[6], influenciada pela indústria de transformação (-8,0%), onde a inflexão foi generalizada entre os segmentos, com exceção de borracha e material plástico (15,2%) e produtos de madeira (19,7%). As atividades que apresentaram as maiores contrações foram equipamentos de transporte no Amazonas e produtos alimentícios no Pará. A utilização da capacidade instalada da indústria do Amazonas cresceu 0,8 p.p. no trimestre encerrado em setembro, situando-se em 77,9%.

No comércio externo, a região vem se beneficiando do patamar elevado do preço das *commodities* e da recuperação da economia mundial, ainda que nos últimos meses estados exportadores de carne bovina (Rondônia, Pará e Tocantins) tenham sido impactados com o embargo da China. O maior *superavit* da balança comercial repercutiu, em especial, a elevação de preços das exportações (53,7%), enquanto o *quantum* contraiu (2,2%). As importações também cresceram nos dez primeiros meses do ano (39,7%), principalmente bens intermediários para a indústria amazonense.

5/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Trimestral (PNADC-T) do IBGE, dados dessazonalizados.

6/ Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE, dados dessazonalizados.

Tabela 1.3 – Comércio exterior – Norte

Janeiro-outubro

US$ milhões

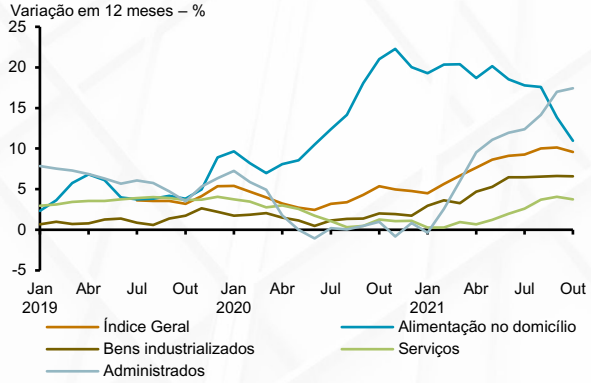
Discriminação	2020	2021	Var. %
Exportações	19 997	30 063	50,3
Básicos	16 727	26 361	57,6
Industrializados[1/]	3 270	3 702	13,2
Importações	9 738	13 605	39,7
Bens de capital	765	923	20,6
Bens intermediários	8 055	11 463	42,3
Bens de consumo	291	283	-2,9
Combustíveis e lubrificantes	626	936	49,4
Saldo comercial	10 259	16 458	60,4

Fonte: Ministério da Economia

1/ Inclui operações especiais.

Gráfico 1.5 – IPCA – Norte

Variação em 12 meses – %



Fontes: IBGE e BCB

Para 2021, estima-se crescimento de 4,5% na produção regional de grãos, a partir de ampliação de 8,2% na área colhida. Destaque para o avanço da lavoura de soja no Pará, com variações respectivas de 19,9% e 24,1%. O 1° Prognóstico do IBGE para a safra 2022, contudo, projeta recuo de 1,4% na produção nortista de cereais, leguminosas e oleaginosas, em área cultivada 1% menor. Destaque para a retração na quantidade produzida de soja (2,0%) e para o acréscimo esperado nas colheitas de algodão, arroz e primeira safra de feijão e milho.

Os preços na região aceleraram no trimestre até outubro (2,53%), comparativamente ao trimestre encerrado em julho (1,71%)[7], ainda que tenha apresentado a menor evolução entre as regiões do país. A inflação foi pressionada principalmente pelos preços administrados, sendo que as maiores contribuições vieram de energia elétrica, gasolina e gás de botijão. Já o transporte de passageiros intermunicipal e interestadual teve influência deflacionária no período. No acumulado do ano, a variação do índice atingiu 7,38%.

Em síntese, impactada pela limitação de oferta de insumos na cadeia produtiva, a atividade econômica no Norte experimentou perda de tração, após forte recuperação no período anterior. O patamar elevado das cotações das *commodities* minerais e agrícolas segue favorecendo o bom desempenho da região, com desdobramentos em outras atividades.

7/ Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), pesquisa do IBGE.

Região Nordeste

2

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Nordeste
Dados dessazonalizados
2019 = 100

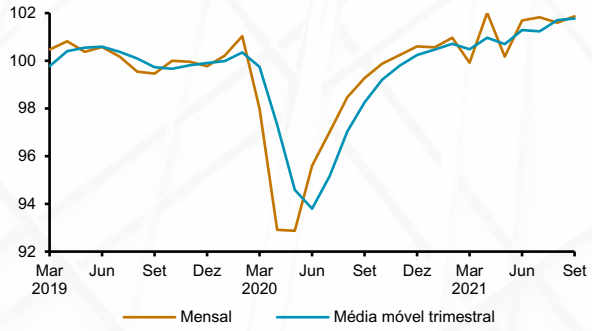
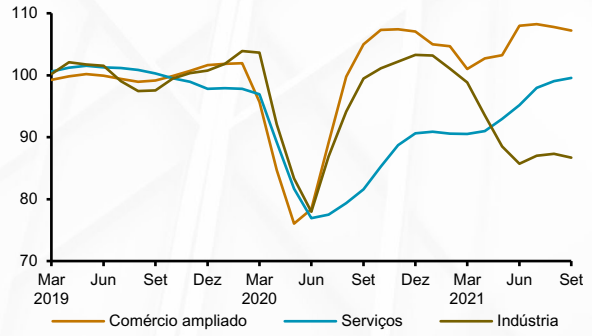


Gráfico 2.2 – Comércio, serviços e indústria
Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

O crescimento econômico do Nordeste no trimestre encerrado em setembro foi liderado pelos serviços, destacando-se os prestados às famílias e transportes, em ambiente de recuperação gradual da mobilidade das pessoas e de ligeira melhora no mercado de trabalho. A indústria de transformação apresentou recuperação parcial, após retrações nos dois trimestres anteriores. O IBCR-NE expandiu 0,5% no período em relação ao anterior, quando crescera 0,8% na mesma base de comparação.

O contexto de arrefecimento da pandemia e melhora da confiança refletiu-se em maior dinamismo de atividades que dependem de interação social, como os serviços prestados às famílias e as relacionadas ao turismo, que têm maior representatividade no Nordeste[8]. No terceiro trimestre, o volume de serviços não financeiros teve alta de 4,6%, com crescimento disseminado em todas as atividades, de acordo com a PMS, destacando-se serviços às famílias e turismo, 26,2% (mais de 30% de aumento nos três maiores estados da região onde a pesquisa é realizada). Ressalte-se que o Nordeste apresenta maior recuperação do consumo de serviços às famílias em relação ao patamar pré-pandemia[9].

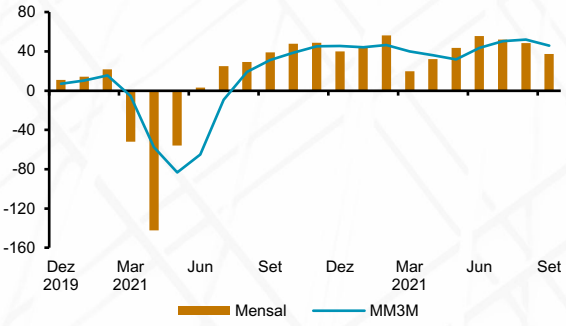
Intensivo em mão de obra, o setor de serviços apresenta retomada com maior geração de emprego, sobressaindo comércio e alojamento e alimentação. Segundo o Caged, no trimestre encerrado em setembro foram gerados 46 mil empregos com carteira assinada por mês, acima dos 44 mil no trimestre anterior (dados dessazonalizados). Observe-se, contudo, que as vagas geradas em setembro foram cerca de 30% menores que as criadas no bimestre julho-agosto e a ociosidade do mercado de trabalho permanece elevada.

A taxa de desocupação, segundo a PNADC-T, com dados dessazonalizados, passou de 17,8% no

8/ Na Pesquisa Anual de Serviços (PAS) relativa a 2019, a participação dos serviços às famílias na receita bruta alcança10,2% no Nordeste ante 7,3% na média nacional. O peso do turismo nessa mesma pesquisa não está disponível, mas o peso no emprego com carteira assinada é mais alto, conforme consta no boxe "Recuperação Regional das Atividades Turísticas" neste Boletim Regional.

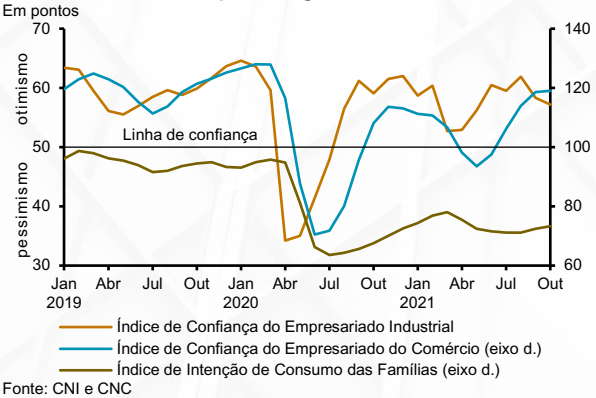
9/ Para mais informações vide o boxe "Consumo Regional de Bens e Serviços na Pandemia" neste Boletim Regional.

Gráfico 2.3 – Geração de emprego formal – Nordeste
Variação do estoque de postos de trabalho – Em milhares
Dados dessazonalizados



Fonte: MTP

Gráfico 2.4 – Confiança dos agentes – Nordeste
Em pontos



Fonte: CNI e CNC

trimestre findo em março para 18,1% no terminado em junho, na medida em que a busca por trabalho cresceu mais do que a população ocupada. Os rendimentos do trabalho estão 8,8% abaixo do verificado no mesmo trimestre do ano anterior.

O comércio varejista recuou, mas empresários e consumidores estão mais confiantes. Segundo a PMC, o comércio ampliado diminuiu 0,7% e o restrito ficou estável, destacando-se recuos em hipermercados, supermercados e combustíveis e lubrificantes. Na margem[10], os dados de compras com cartão de débito também indicam queda na maioria dos segmentos do comércio. O Icec, divulgado pela CNC, atingiu 119,0 pontos em outubro de 2021, alta de 18,1 pontos no trimestre, e o ICF avançou 2,1 pontos.

A indústria de transformação nordestina, em linha com o observado nas outras regiões, tem enfrentado restrições de oferta e maiores preços de insumos, que têm se mostrado mais persistentes do que o esperado. Acumulando perdas de 2,4% nos últimos doze meses, o crescimento de 1,1% no terceiro trimestre foi concentrado no segmento de derivados do petróleo e biocombustíveis, que expandiu 15,2% com a retomada da produção da maior refinaria da região, após parada programada para manutenção, além de couro e calçados. Sete dos catorze segmentos pesquisados recuaram.

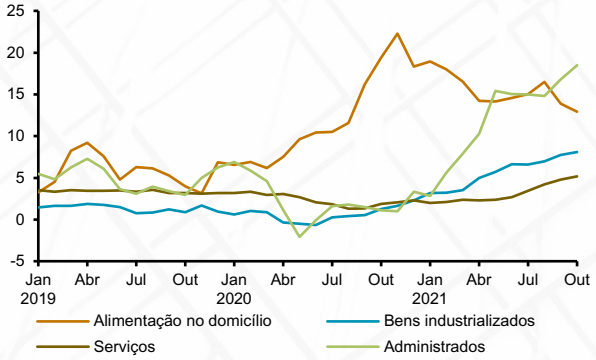
O *deficit* da balança comercial do Nordeste aumentou nos primeiros dez meses do ano. O comportamento foi condicionado pela expansão de 58,8% das importações, destacando-se as compras de insumos industriais e combustíveis. As exportações cresceram 32,7%, repercutindo expansão nas três categorias de bens, destacando-se as de soja, 49,9%.

Após crescimento de 1,5%[11] na safra de 2021 (explicada majoritariamente pela elevação de 10,2% na produção de soja), o primeiro prognóstico para a colheita de grãos de 2022 estima retração de 0,8% (-2,2% em soja e elevações em feijão e milho).

A inflação ao consumidor da região registrou alta de 2,94% no trimestre encerrado em outubro, ante 2,60% no anterior[12], repercutindo aceleração nos preços livres (1,38 p.p.), e desaceleração nos preços administrados, (-2,57 p.p.). A Região Metropolitana

10/ Na média das quatro semanas até dia 2 de novembro, comparadas ao mesmo período até dia 5 de outubro.
11/ Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de outubro do IBGE.
12/ Calculado com base nas variações e pesos das regiões metropolitanas de Fortaleza, Recife e Salvador. A partir de maio de 2018 foram incluídas as variações dos municípios de Aracaju e São Luís.

Gráfico 2.5 – IPCA – Nordeste
Variação % em 12 meses



Fonte: IBGE e BCB

de Salvador e os municípios de Aracaju e de São Luís registraram variações acima da média regional.

Para os próximos trimestres, em contexto de abrandamento da pandemia, a tendência de crescimento protagonizado pelo setor de serviços deve se manter, em especial nos segmentos que estão mais distantes do nível anterior à crise sanitária. Adicionalmente, a atividade econômica será favorecida pelo início dos pagamentos do Auxílio Brasil, dada a importância relativa do programa na composição da renda da região. Por outro lado, no setor industrial, desdobramentos recentes sugerem postergação, para o próximo ano, da esperada normalização da cadeia de insumos industriais.

2.1 Bahia

A atividade econômica na Bahia manteve-se estável no terceiro trimestre de 2021 em relação ao anterior (0,1%), segundo o IBCR-BA. O comércio, depois de apresentar avanços, voltou a recuar. O setor de serviços, em que pese o desempenho de serviços às famílias e atividades turísticas, também não manteve o ritmo de recuperação. A indústria de transformação recuperou, em parte beneficiada pela base deprimida.

O comércio ampliado baiano apresentou ligeira queda no trimestre, revertendo parte do desempenho positivo apresentado no trimestre anterior. Seis dos dez setores pesquisados apresentaram retração, sendo a maior no segmento de móveis e eletrodomésticos (-18,2%). Por outro lado, as vendas de tecidos, vestuário e calçados apresentaram alta em igual medida (18,0%).

O volume dos serviços não financeiros prestados na Bahia continua avançando, tendo crescido 4,4% no terceiro trimestre, em relação ao anterior, quando havia avançado 9,4%, segundo dados da PMS. Destaquem-se os serviços prestados às famílias (15,0%) e os de transporte (1,2%), além do expressivo aumento nas atividades turísticas do estado (26,7%).

Segundo a PNADC-T, a taxa de desemprego dessazonalizada recuou 0,8 p.p., para 19,6% no segundo trimestre, com expansões tanto da população ocupada quanto da força de trabalho. Em consequência da incorporação de ocupações com menor remuneração, na grande maioria trabalhadores sem carteira e conta-própria, o rendimento médio caiu 11,6% em relação ao ano anterior. Dados do Caged para o terceiro trimeste, no entanto, confirmam continuidade no ritmo de criação de novos postos de emprego formal. Dessa forma, apontam crescimento de 2% no índice de emprego formal no terceiro trimestre, ante 1,6% no trimestre anterior, com destaque para comércio e indústria de transformação.

O LSPA revisou para baixo a estimativa para o crescimento da produção de grãos em 2021 devido a perdas nas lavouras de milho e feijão por razões climáticas. Ainda assim, a produção de grãos será recorde, graças ao desempenho da soja. A expectativa para a próxima colheita de soja, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), é de ampliação da área cultivada apesar de algumas incertezas

Gráfico 2.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Bahia
Dados dessazonalizados
2019 = 100

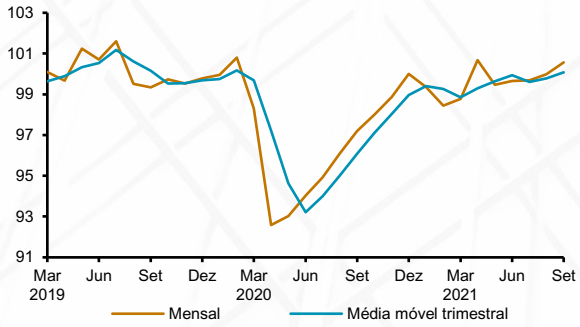
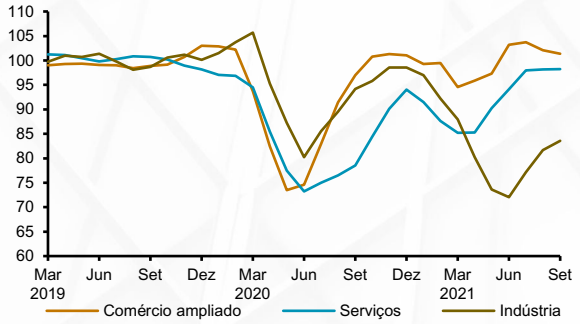


Gráfico 2.1.2 – Comércio, serviços e indústria – Bahia
Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Tabela 2.1.1 – Evolução do emprego formal – Bahia
Novos postos de trabalho[1/]

Discriminação	2020	2021		
	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
Total	26,8	43,2	26,9	28,5
Indústria de transformação	0,6	8,9	2,9	7,4
Comércio	16,8	6,6	6,1	10,1
Serviços	14,5	15,6	12,1	13,6
Construção civil	0,6	6,8	1,3	4,2
Agropecuária	-4,2	3,2	2,8	3,4
SIUP	-0,4	0,4	1,2	0,6
Outros[2/]	-1,1	1,6	0,6	-10,9

Fonte: MTP

1/ Novo Caged com ajuste.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

climáticas e do aumento do custo de aquisição de alguns insumos, especialmente fertilizantes.

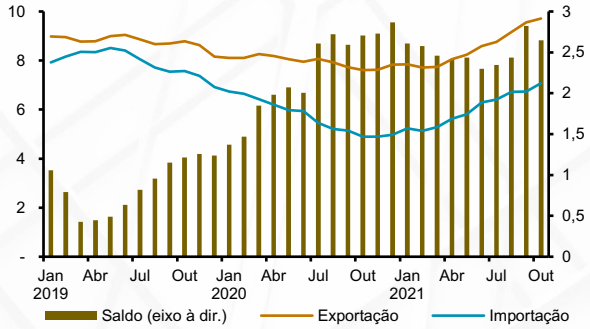
Após dois trimestres de queda na produção, impactada pela desativação da indústria automobilística no estado e parada do segmento de refino, a indústria baiana apresentou alta de 16% no trimestre finalizado em setembro. Esse resultado repercutiu o retorno da produção de derivados de petróleo da refinaria instalada no estado. A expectativa é que a produção continue a crescer nos próximos meses. Destaque-se também o bom desempenho do setor de couros e calçados e de celulose e papel, os quais já apresentam patamar produtivo superior ao período pré-pandemia. Por outro lado, a indústria química sofreu retração, afetada por desafios logísticos e competição internacional.

No setor externo, a balança comercial da Bahia foi superavitária em US$2,1 bilhões nos dez primeiros meses do ano, resultado 9,3% inferior ao obtido no mesmo período de 2020, refletindo avanços de 29,6% nas exportações e de 52,1% nas importações, que somaram US$8,2 bilhões e US$6,1 bilhões, respectivamente.

A inflação da Região Metropolitana de Salvador (RMS), medida pelo IPCA, registrou aumento no trimestre, impactada, principalmente, pela alta dos preços administrados (em especial energia elétrica e gasolina).

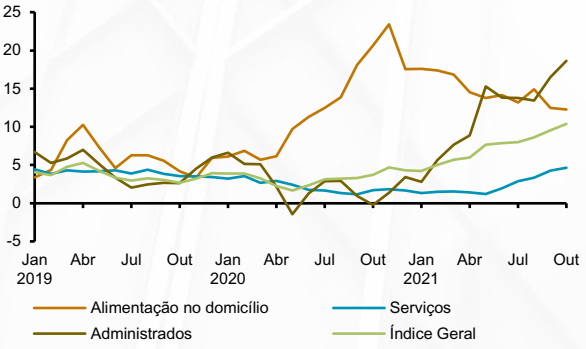
Para o último trimestre do ano, a expectativa é de continuidade do crescimento da atividade econômica baiana, em especial no setor de serviços, estimulado pela retomada do turismo de lazer[13].

Gráfico 2.1.3 – Balança comercial – Bahia
Acumulado 12 meses – Em US$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia/Secex

Gráfico 2.1.4 – IPCA – Salvador
Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

13/ Ver o boxe "Recuperação regional das atividades turísticas" neste Boletim Regional.

2.2 Ceará

O arrefecimento da pandemia, o avanço da vacinação, bem como a evolução positiva dos indicadores de mobilidade favoreceram a continuidade da recuperação da atividade econômica do Ceará. Nesse sentido, o IBCR-CE cresceu 1,2%, no terceiro trimestre de 2021, ante elevação de 1,3% no encerrado em junho, repercutindo as altas nos serviços e na indústria.

Dados da PMC divulgados pelo IBGE mostram que o comércio ampliado reduziu 0,1% no trimestre encerrado em setembro, com recuo de 14,8% em veículos e motocicletas, mas com alta de 5,1% em material de construção. No segmento de hipermercados e supermercados, houve queda de 0,5%. No mesmo sentido, dados da Fenabrave de vendas de automóveis e comerciais leves mostram recuo de 26,8% no trimestre encerrado em outubro. Ressalte-se que esse número reflete também problemas na oferta de veículos, impactada pela escassez de insumos.

O volume de serviços não financeiros registrou elevação de 6,2% no terceiro trimestre de 2021, com destaque para a alta nos serviços prestados às famílias, em outros serviços e em atividades turísticas. Esses segmentos englobam atividades mais fortemente dependentes de interações presencias – como alojamento e alimentação e atividades artísticas e culturais – e têm sido beneficiados pela recuperação da mobilidade.

Em relação às atividades turísticas, dados da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – Ceará (ABIH-CE) mostram alta da ocupação de hotéis e similares (75,4% em outubro ante 42,8% em junho e 19,0% em março), corroborando a recuperação mostrada pela PMS em atividades turísticas no estado em setembro.

Segundo a PNADC-T, a taxa de desocupação dessazonalizada atingiu 15,2% no segundo trimestre do ano, ante 14,3% no anterior. Dados do Caged divulgados pelo Ministério do Trabalho e Previdência (MTP) continuam mostrando saldo líquido positivo de postos de trabalho no trimestre finalizado em setembro, sendo indústria e comércio os setores que mais contribuíram para o resultado.

A atividade industrial cearense cresceu 3,6% no trimestre finalizado em setembro, alta maior que a

Gráfico 2.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Ceará
Dados dessazonalizados
2019 = 100

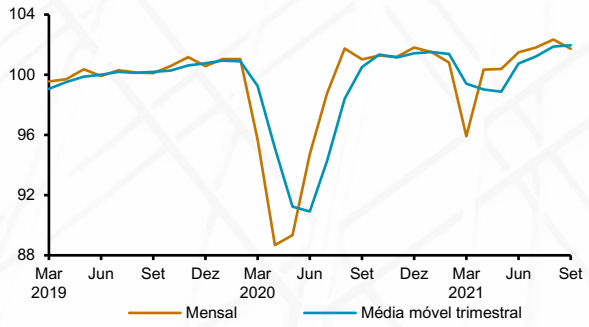
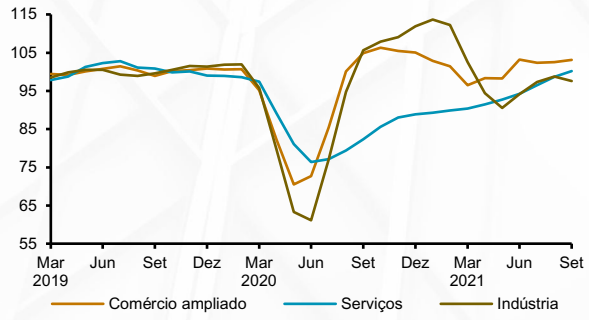
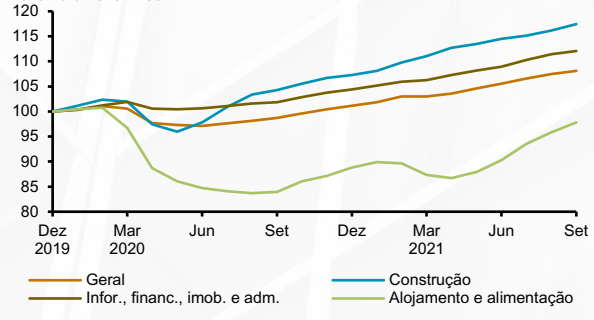


Gráfico 2.2.2 – Comércio, serviços e indústria – Ceará
Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Gráfico 2.2.3 – Índice de emprego formal – Geral e segmentos selecionados
Dados dessazonalizados
Dezembro 2019 =100



Fonte: MTP

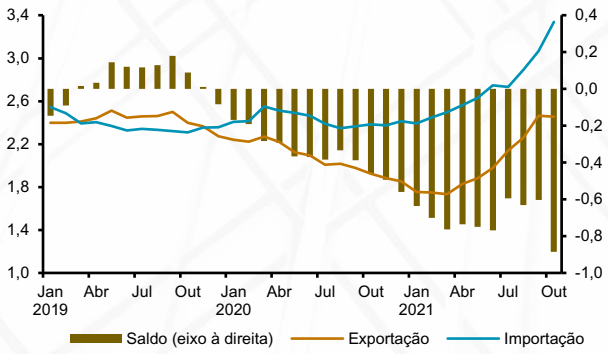
observada na região Nordeste, de acordo com dados dessazonalizados da pesquisa do IBGE. O resultado refletiu os aumentos em calçados, 12,1%, em parte destinados às exportações, e fabricação de bebidas, 3,6%. A confiança dos empresários cearenses, compilada pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), variou -0,7 ponto em outubro, em relação a julho, porém ainda sinaliza otimismo.

Nos dez primeiros meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, foram registradas elevações de 38,0% nas compras e de 43,6% nas vendas externas do estado. Destacaram-se, nas exportações, os produtos semimanufaturados de ferro ou aço e couros e peles. Nas importações, sobressaíram combustíveis e lubrificantes elaborados (146,0%) e insumos industriais elaborados (46,0%).

O IPCA da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) variou 2,63% no trimestre encerrado em outubro, mantendo o ritmo de aumento do trimestre finalizado em julho.. Os preços livres aceleraram, destacando-se as expansões de transporte por aplicativo e vestuário, e os dos administrados desaceleraram nessa comparação.

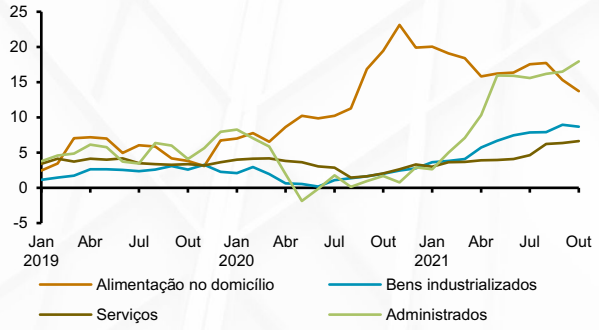
As perspectivas são de continuidade da retomada da atividade econômica cearense, em função da expansão da vacinação e do estímulo decorrente do início do pagamento do novo Auxílio Brasil, com possibilidade de aumento em relação aos valores do Bolsa Família.

Gráfico 2.2.4 – Balança comercial – Ceará
Acumulado em 12 meses – Em US$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia/Secex

Gráfico 2.2.5 – IPCA – Região Metropolitana de Fortaleza
Variação % em 12 meses



Fonte: IBGE e BCB

2.3 Pernambuco

A atividade econômica pernambucana manteve, no trimestre encerrado em setembro, o ritmo de crescimento verificado no intervalo anterior, segundo dados dessazonalizados do IBCR-PE (0,9%). Em contexto de recuperação da mobilidade das pessoas, observou-se aceleração do setor de serviços, cujas atividades cresceram de forma generalizada, com ênfase nos serviços às famílias, que ainda assim situam-se distantes do patamar pré-pandemia. O comércio de veículos se expandiu, em parte, impulsionado pelo crédito. Em sentido contrário, a retração na indústria de transformação se intensificou.

Com o avanço da vacinação, o volume de serviços prestados cresceu, porém dados mais recentes sugerem desaceleração. De acordo com a PMS, a elevação no trimestre encerrado em setembro atingiu 9,3% com dados dessazonalizados, destacando-se os serviços prestados às famílias – observe-se, contudo, surpresa negativa no mês de setembro (-2,2% ante o mês anterior). O turismo[14], que ficou represado durante o período mais crítico da pandemia, tem se recuperado. Em outubro, a movimentação do aeroporto do Recife, medida pelo número de decolagens, elevou 64% ante o mesmo mês de 2020, aproximando-se do patamar pré-pandemia.

O comércio varejista, no conceito restrito, diminuiu 1,4% no terceiro trimestre, sobressaindo decréscimos em móveis e eletrodomésticos, além de hipermercados (-7,9% em doze meses). O aumento das vendas de veículos, em parte devido à expansão do crédito destinado ao segmento, contribuiu para o resultado positivo do comércio ampliado. O Icec e a ICF, segundo pesquisa da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Pernambuco (Fecomércio-PE), cresceram ambos 21% em outubro comparativamente a julho. Apesar do maior otimismo, as vendas com cartão de débito sugerem certa cautela com relação ao otimismo na margem. Nesse sentido, houve queda de 16% no valor total comercializado nas quatro semanas até dia 2 de novembro, comparadas ao mesmo período até dia 5 de outubro, de acordo com dados da CIP.

O setor industrial contraiu pelo segundo trimestre consecutivo (-8,4% no encerrado em setembro após -4,3%), em contexto de preços elevados e escassez de matérias-primas. Acrescente-se a parada de

Gráfico 2.3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Pernambuco
Dados dessazonalizados
2019 = 100

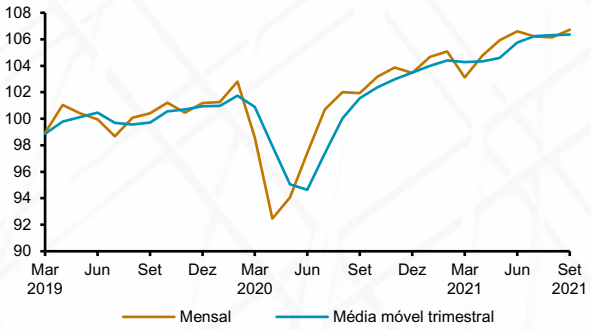
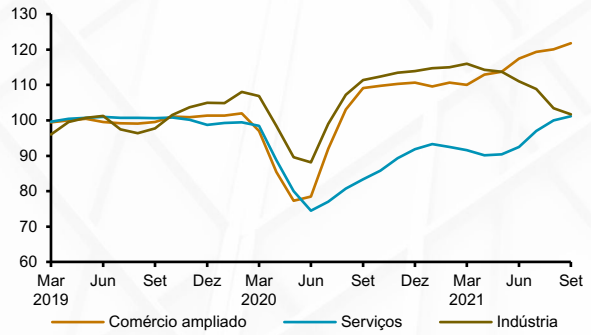


Gráfico 2.3.2 – Comércio, serviços e indústria
Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

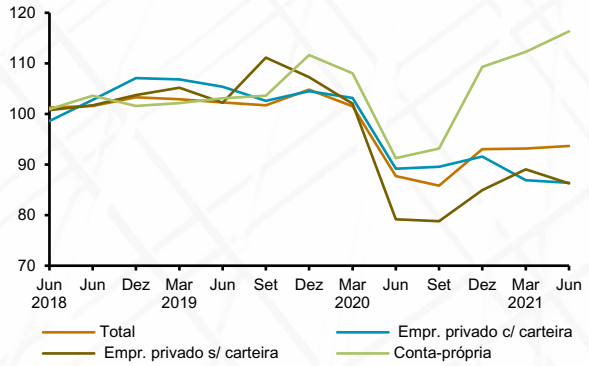
Gráfico 2.3.3 – Decolagens do aeroporto do Recife
Média móvel semanal
Média de jan-fev 2020 = 100

Fonte: Flight Radar

14/ Vide o boxe "Recuperação Regional das Atividades Turísticas" neste Boletim Regional.

Gráfico 2.3.4 – População ocupada

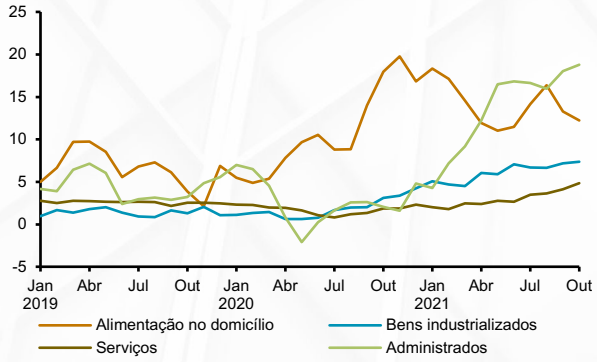
Dez 2018 = 100



Fonte: IBGE/PNAD Contínua; elaboração BCB

Gráfico 2.3.5 – IPCA – Pernambuco

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

manutenção na refinaria e a queda na produção de alimentos.

Nesse contexto, o mercado de trabalho apresentou aumento da população ocupada, mas a ociosidade permanece elevada. A taxa de desocupação em Pernambuco, medida pela PNADC-T, atingiu nível recorde no trimestre encerrado em junho com dados dessazonalizados, 21,4%. O aumento da participação de trabalhadores informais contribuiu para a queda de 2,6% do rendimento real habitualmente recebido em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. No que se refere ao emprego formal, foram criados, em média, 9,8 mil empregos por mês no terceiro trimestre (10,3 mil no trimestre anterior), sobressaindo comércio, atividades administrativas e alojamento e alimentação. Em sentido contrário, houve demissões líquidas na construção civil.

No setor agrícola, a produção de cana-de-açúcar[15] projetada para o ano atual deverá crescer 5,1%, de acordo com o LSPA de outubro, revertendo a expectativa de queda no levantamento de julho, em função da melhora na precipitação pluviométrica (a colheita no estado ocorre normalmente entre setembro e março).

O IPCA da Região Metropolitana do Recife (RMR) acelerou de 2,67% no trimestre até julho para 2,88% no mesmo período até outubro. A inflação dos preços livres passou de 1,32% para 2,83%, com destaque para passagens aéreas e automóveis novos. A alta nos preços administrados arrefeceu com relação ao trimestre anterior (de 6,43% para 3,01%). Em doze meses, o IPCA na RMR alcançou 10,28% (10,64% no Nordeste e 10,67% no país).

A recuperação da economia pernambucana observada nos últimos trimestres repercutiu a aceleração da vacinação e a retomada das atividades em vários setores, particularmente os serviços presenciais. Essa tendência persiste e será favorecida com o início dos pagamentos, a partir de novembro, do Auxílio Brasil. Em contrapartida, o cenário inflacionário e o desemprego contribuem para o aumento das incertezas o que, somado às dificuldades presentes na indústria, tendem a conter a atividade.

15/ A cana-de-açúcar, segundo dados da Produção Agrícola Municipal (PAM), é o principal produto agrícola, com participação de 29,7% do valor da produção.

Região Centro-Oeste

3

Gráfico 3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Centro-Oeste
Dados dessazonalizados
2019 = 100

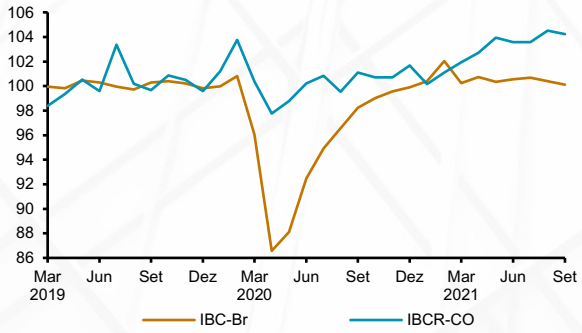


Tabela 3.1 – Produção agrícola – Centro-Oeste
Itens selecionados

Em mil toneladas

Discriminação	Pesos[1/]	Produção[2/]		Variação %
		2020	2021	2021/2020
Grãos	87,9	121 745	114 778	-5,7
Soja	51,0	58 988	61 123	3,6
Milho	24,6	56 692	48 279	-14,8
Algodão (caroço)	9,3	3 173	2 595	-18,2
Feijão	1,8	624	709	13,5
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	8,8	146 264	139 924	-4,3

Fonte: IBGE
1/ Por valor da produção – PAM 2020.
2/ Estimativa segundo o LSPA de outubro de 2021.

A região Centro-Oeste registrou crescimento mais moderado no terceiro trimestre, influenciado principalmente pelos efeitos da menor produção de milho e cana-de-açúcar. O resultado positivo foi sustentado pela expansão do comércio, da construção civil e, notadamente, dos serviços de alojamento e alimentação, repercutindo os efeitos do avanço na vacinação. Nesse contexto, o IBCR-CO cresceu 0,7% no terceiro trimestre de 2021, em relação ao anterior (+2,3%), segundo dados dessazonalizados. No acumulado de doze meses, o indicador expandiu 2,0% em setembro (0,8% no mesmo mês de 2020).

A safra recorde de grãos não deve se repetir no ano de 2021 em decorrência das condições climáticas adversas, principalmente da estiagem prolongada a partir de fevereiro, que provocou queda significativa nas colheitas de milho, algodão e cana-de-açúcar. A produção de soja, com colheita no início do ano, não foi prejudicada, e suas exportações cresceram no acumulado até outubro, enquanto as de milho declinaram[16]. Com a elevação dos preços internacionais, as vendas externas no período cresceram 17,9%, contribuindo para ampliação do saldo da balança comercial.

Para a safra de 2022, de acordo com o primeiro prognóstico do IBGE, deve haver aumento de 7,1% na colheita de grãos, influenciado especialmente pela segunda safra de milho (17,5%), confirmando-se as expectativas de um ano dentro da normalidade climática.

A indústria recuou 2,1% no trimestre encerrado em setembro, após pequeno crescimento no período anterior, conforme dados dessazonalizados. Este desempenho foi influenciado pelo setor alimentício, principal segmento da indústria no Centro-Oeste, e por derivados de petróleo e biocombustíveis, ramos onde matérias-primas importantes, como milho e cana-de-açúcar, tiveram queda de produção. Por

16/ As exportações de soja, em quantidade, cresceram 1,2% nos primeiros dez meses do ano, na comparação com igual período de 2020, enquanto os embarques de milho diminuíram 42,1%.

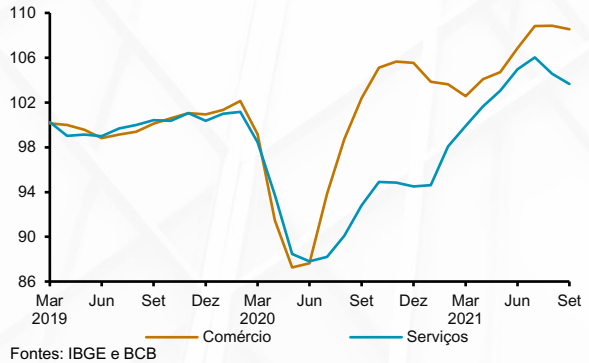
Tabela 3.2 – Produção industrial – Centro-Oeste
Geral e setores selecionados

Variação % no período

Setores	Pesos[1/]	2021		
		Jun[2/]	Set[2/]	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	0,2	-2,1	-5,3
Indústrias extrativas	5,4	12,2	6,1	10,7
Indústrias de transformação	94,6	-0,3	-2,5	-5,8
Produtos alimentícios	56,4	1,1	-5,0	-4,1
Deriv. petróleo e biocomb.	10,5	-8,0	-2,9	-12,3
Veículos, reb. e carrocerias	5,6	39,8	15,7	51,0
Outros produtos químicos	4,7	0,9	4,4	3,4
Minerais não-metálicos	4,1	7,0	1,5	13,9

Fonte: IBGE
1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 3.2 – Comércio e serviços – Centro-Oeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fontes: IBGE e BCB

Tabela 3.3 – Evolução do emprego formal – Centro-Oeste

Novos postos de trabalho (em mil)[1/]

Discriminação	2020		2021	
	Trim	Ano	Trim	Ano
Total	50,3	12,5	84,2	264,0
Ind. de transformação	13,3	19,4	10,3	36,3
Comércio	14,3	-13,3	19,1	56,5
Serviços	9,3	-24,0	39,8	111,4
Construção civil	11,1	16,3	9,7	32,3
Agropecuária	1,4	12,4	3,7	21,5
Outros[2/]	0,8	1,8	1,6	6,0

Fonte: MTP
1/ Acumulado no trimestre e no ano até setembro.
2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e SIUP, entre outros.

outro lado, veículos, outros produtos químicos, bebidas, minerais não-metálicos e farmacêutica apresentaram crescimento.

Ancorados nas expectativas para o futuro (62,6 pontos), os empresários industriais da região continuam otimistas, de acordo com o Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei), divulgado pela CNI, que registrou 58,1 pontos em outubro (63,0 em julho).

Os indicadores de vendas do comércio e serviços não financeiros mostraram movimentos discrepantes no terceiro trimestre. Enquanto o comércio ampliado cresceu 1,6%, influenciado pelos desempenhos de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, o volume de serviços diminuiu 1,3%, com resultados negativos em todas as unidades da federação da região, exceto no Distrito Federal, onde o crescimento nos serviços às famílias e de transporte sobrepôs-se ao decréscimo nos outros setores. Em Goiás, houve aumento do volume dos serviços às famílias, mas não suficiente para se contrapor à retração em transportes.

O mercado de trabalho manteve a expansão dos empregos formais iniciada no segundo semestre do ano anterior. Houve crescimento de 2,3% no trimestre encerrado em setembro ante o anterior, conforme dados dessazonalizados do Caged. Os acréscimos no setor de serviços (2,5%), no comércio (2,6%) e na construção civil (2,8%) refletiram maior retomada das atividades com a evolução da vacinação.

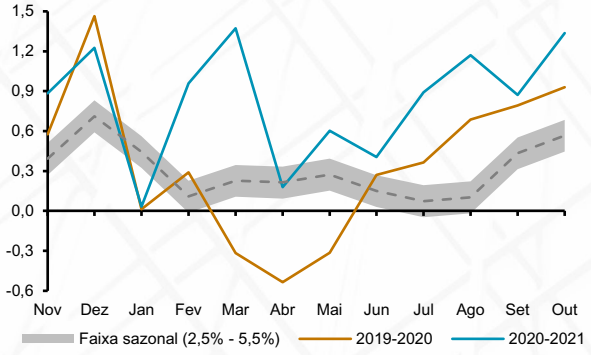
A inflação no Centro-Oeste, medida pelo IPCA[17], avançou 3,42% no trimestre agosto-outubro, situando-se acima do padrão sazonal do período. As principais pressões altistas ocorreram em alimentação no domicílio, com destaque para tubérculos, raízes e legumes e aves e ovos bem como nos itens com preços administrados, ressaltando-se os aumentos em gasolina, energia elétrica residencial e gás de botijão. Também houve pressões relevantes em etanol, automóveis novos e automóveis usados, bem como em passagem aérea, conserto de automóvel e aluguel residencial.

Em outubro, a inflação acumulada em doze meses da região alcançou 10,39%. Os grupos de itens administrados e alimentação no domicílio variaram 17,58% e 13,86%, respectivamente. Os bens industrializados aumentaram 9,18% e os serviços,

17/ Agregação dos índices das cidades de Brasília, Goiânia e Campo Grande.

Gráfico 3.3 – IPCA Centro-Oeste – Padrão sazonal

Variação % mensal



Fontes: IBGE e BCB

4,73%.

A economia do Centro-Oeste manteve trajetória de crescimento, com oscilações relacionadas ao desempenho do agronegócio. A perspectiva de safras recordes de *commodities* agrícolas em 2022 continua sendo importante variável de sustentação para a região, com desdobramentos em outras atividades.

Região Sudeste

4

Gráfico 4.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Sudeste
Dados dessazonalizados
2019 = 100

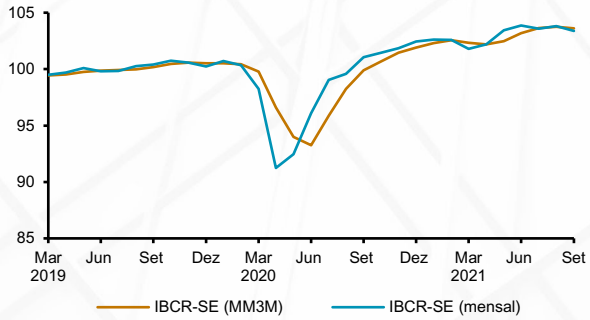
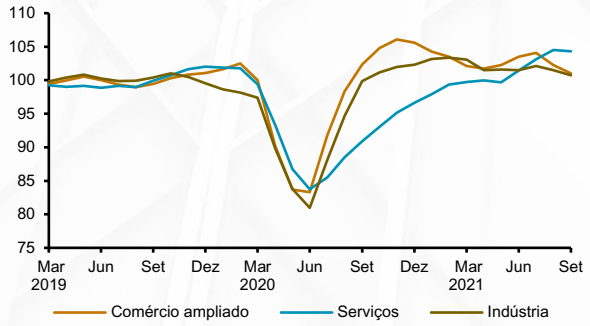


Gráfico 4.2 – Comércio, serviços e indústria – Sudeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.1 – Evolução do emprego formal – Sudeste
Novos postos de trabalho

Acumulado no trimestre (em mil)[1/]

Discriminação	2020		2021		
	Set	Dez	Mar	Jun	Set
Total	267,0	365,9	412,9	371,5	487,0
Indústria	94,5	40,3	115,9	49,9	79,5
Comércio	61,0	167,1	22,3	63,6	105,9
Serviços	44,5	165,1	169,4	155,9	252,1
Construção civil	56,0	14,0	62,6	25,9	38,7
Agropecuária	11,0	-20,8	42,7	76,2	10,7

Fonte: MTP

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

A atividade econômica do Sudeste continuou em expansão no terceiro trimestre, refletindo recuperação do setor de serviços, em linha com a retomada da mobilidade favorecida pelo avanço da vacinação. Contudo, esse movimento foi parcialmente arrefecido pelo menor dinamismo do comércio e da indústria. Nesse contexto, o IBCR-SE cresceu 0,4% no trimestre, comparativamente ao segundo, quando expandira 0,8%.

Após vários meses de relativa estabilidade, o comércio varejista registrou retração mais pronunciada a partir de agosto, encerrando o terceiro trimestre com variação negativa, refletindo o possível deslocamento da demanda para serviços. No conceito ampliado, as vendas também diminuíram, impactadas especialmente pelo fraco desempenho do segmento de materiais de construção.[18]

Ainda no âmbito da demanda, o setor de serviços manteve expansão no terceiro trimestre, pelo quinto período consecutivo, com todos os segmentos apresentando crescimento, sobressaindo os prestados às famílias. Ressalte-se que o nível do indicador de volume de serviços no período analisado foi o maior desde o segundo trimestre de 2015.[19]

Estatísticas relativas ao mercado de trabalho continuam indicando melhora consistente na margem, refletindo em boa medida a retomada mais vigorosa do setor de serviços. Segundo a PNADC-T, a taxa de desocupação no Sudeste, considerando dados dessazonalizados, recuou de 14,8%, no primeiro trimestre, para 14,4%, no segundo, condicionada por elevação na população ocupada acima da verificada na força de trabalho. A recomposição do emprego é captada com mais intensidade pelo Caged, que registrou no trimestre encerrado em setembro criação de vagas formais em todos os principais setores de atividade. Todos os segmentos

18/ O comércio recuou 1,9% no terceiro trimestre, em comparação com o anterior. Principais destaques: livros, jornais, revistas e papelaria (-18,8%) e móveis e eletrodomésticos (-5,0%). No conceito ampliado, houve queda de 2,4%; materiais de construção (-5,4%).

19/ O setor de serviços cresceu 2,8% no terceiro trimestre, em comparação com o anterior, quando aumentara 1,7%. Destaque para serviços prestados às famílias (+16,2%).

Tabela 4.2 – Produção industrial – Sudeste

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos[1/]	Variação % no período 2021		
		Jun[2/]	Set[2/]	12 meses
Indústria geral	100,0	-1,5	-0,7	7,7
Indústrias extrativas	13,6	5,6	-0,1	-0,6
Indústrias de transformação	86,4	-2,3	-0,6	8,8
Veículos, reb. e carrocerias	12,8	-2,0	-8,4	33,4
Produtos alimentícios	12,7	-3,3	-3,8	-8,1
Deriv. petróleo e biocombustíveis	12,0	0,6	4,5	4,4
Metalurgia	7,1	4,5	2,6	19,5
Outros produtos químicos	5,8	0,7	-2,5	4,5

Fonte: IBGE

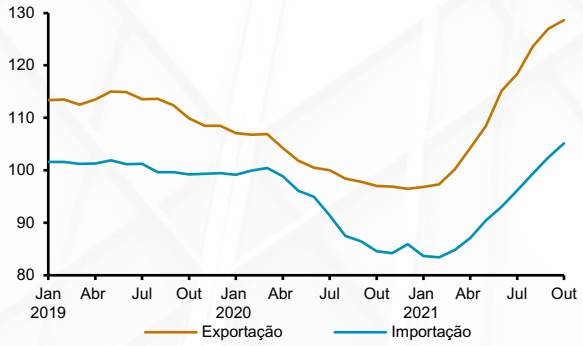
1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.3 – Balança comercial – Sudeste

Acumulado em 12 meses

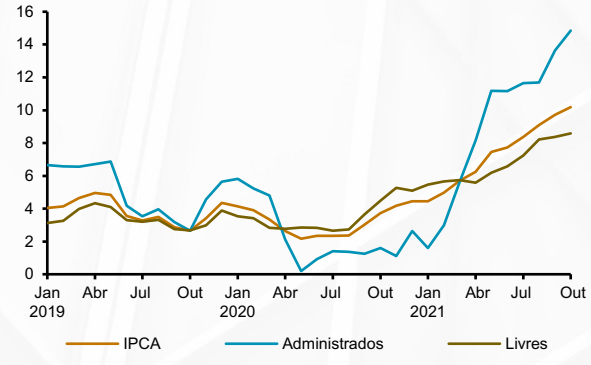
US$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia

Gráfico 4.4 – IPCA – Sudeste

Variação em 12 meses – %



Fontes: IBGE e BCB

de serviços apresentaram abertura de vagas, notadamente atividades administrativas e serviços complementares e alojamento e alimentação.

A persistência de dificuldades para a obtenção de insumos e de preços pressionados em algumas cadeias produtivas, especialmente na automotiva, contribuiu para a queda da produção fabril no terceiro trimestre. Houve retração em quinze dos 22 setores pesquisados, com destaque para fabricação de outros produtos de transporte (11,7%) e veículos (8,4%). Entre os segmentos que apresentaram elevação no trimestre, sobressaíram fabricação de derivados de petróleo, confecção de artigos de vestuário, e produtos farmoquímicos e farmacêuticos.

O fraco desempenho da indústria nos últimos dois trimestres repercutiu negativamente sobre a confiança do empresário industrial em outubro, tendo o Icei atingido o patamar mais baixo desde abril de 2021.

O *superavit* da balança comercial do Sudeste atingiu US$22,2 bilhões no acumulado do ano até outubro de 2021 (US$9,2 bilhões em igual período de 2020). O resultado foi condicionado pelo aumento das exportações, com destaque para produtos básicos (minério de ferro e óleos brutos de petróleo), beneficiadas pela elevação dos preços das *commodities*. O crescimento das importações decorreu sobretudo do aumento do *quantum*, especialmente de bens intermediários, além de combustíveis e lubrificantes.

O IPCA da região Sudeste variou 3,31% no trimestre encerrado em outubro (2,14% no anterior), com aceleração dos preços livres e arrefecimento em administrados. Entre os preços livres, houve pressões altistas em todos os segmentos, com destaque para alimentação no domicílio. Por sua vez, o comportamento dos preços administrados decorreu, principalmente, da desaceleração das tarifas de energia elétrica residencial, mais que compensando o aumento do preço da gasolina. Em doze meses, o IPCA do Sudeste acumulou alta de 10,18%, ante 3,74% no mesmo período do ano anterior, refletindo a aceleração dos preços administrados, especialmente gasolina e energia elétrica residencial, e dos livres, com destaque para alimentação no domicílio e bens industriais.

Em síntese, indicadores recentes do Sudeste apontam para acomodação da atividade econômica da região no quarto trimestre. Pressões de custos e falta de insumos em setores da indústria, com ênfase no segmento automotivo, têm efeitos negativos sobre a produção fabril. Em sentido contrário, o avanço da vacinação favorece a continuidade da recuperação dos segmentos de serviços mais impactados pela pandemia, sobretudo os direcionados às famílias.

4.1 Minas Gerais

A economia mineira perdeu ritmo no terceiro trimestre, impactado pelo desempenho negativo do comércio e da indústria de transformação, mas beneficiado pelo crescimento do setor de serviços, especialmente daqueles prestados às famílias. Destacaram-se também os avanços na indústria extrativa, nos serviços de intermediação financeira e nos prestados às empresas. Nesse contexto, o IBCR-MG ficou estável no trimestre (+1,1% no anterior).

A indústria extrativa segue evoluindo positivamente em Minas Gerais[20], influenciada pelo aquecimento da demanda externa e pelo aumento nos preços do minério de ferro no mercado internacional em 2021, apesar da queda a partir de junho. O volume exportado da *commodity* cresceu 18,1% nos primeiros dez meses de 2021, na comparação interanual (113,5% em valor[21]).

A indústria de transformação, em sentido contrário, apresentou queda de 3,2% no trimestre encerrado em setembro, destacando-se os setores de veículos automotores – por limitação na oferta de componentes –, alimentos, outros produtos químicos e bebidas. Dos treze segmentos acompanhados na pesquisa do IBGE, apenas três mostraram resultado positivo no período (metalurgia, máquinas e equipamentos e combustíveis, mesmo com a manutenção na refinaria Gabriel Passos em setembro). A confiança, medida pelo Icei divulgado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), recuou, mas se manteve na área de otimismo em outubro, influenciado pelas expectativas para os próximos meses.

As vendas do comércio diminuíram no terceiro trimestre, conforme dados dessazonalizados da PMC do IBGE, revertendo aumento observado no trimestre anterior. Houve retração tanto no comércio ampliado (3,0%) quanto no varejista (1,4%), influenciada pela redução das vendas nos ramos de material de construção e de móveis e eletrodomésticos. Por outro lado, o volume de serviços não finaceiros cresceu 3,4% no trimestre, com destaque para os serviços às famílias (9,6%), refletindo os efeitos da disseminação da vacinação.

No mercado de trabalho, o emprego formal manteve-se em expansão no terceiro trimestre, destacando-

Gráfico 4.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Minas Gerais
Dados desazonalizados
2019 = 100

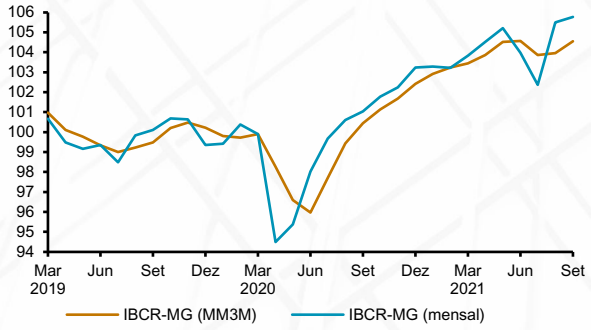
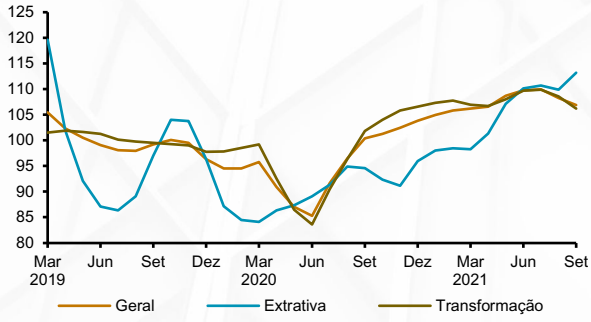
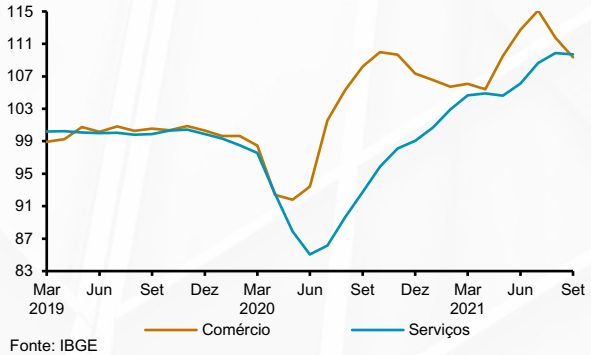


Gráfico 4.1.2 – Produção industrial – Minas Gerais
Dados desazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 4.1.3 – Comércio e serviços – Minas Gerais
Dados desazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

20/ A indústria extrativa mineira cresceu 2,8% no trimestre de julho a setembro, segundo dados dessazonalizados da PIM, do IBGE.
21/ As exportações do estado aumentaram 54,4% em valor, de janeiro a outubro de 2021, considerando médias diárias.

Tabela 4.1.1 – Evolução do emprego formal – Minas Gerais

Novos postos de trabalho

Acumulado no trimestre (em mil)[1/]

Discriminação	2020		2021		
	Set	Dez	Mar	Jun	Set
Total	80,7	72,4	113,1	78,8	106,7
Indústria	27,3	15,4	33,2	16,4	24,0
Comércio	14,6	32,7	15,3	14,1	22,1
Serviços	16,6	28,6	36,7	28,9	50,7
Construção civil	22,7	-0,2	20,4	11,3	11,9
Agropecuária	-0,6	-4,1	7,5	8,1	-2,0

Fonte: MTP

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

Tabela 4.1.2 – Produção agrícola – Minas Gerais

Itens selecionados

Em mil toneladas

Discriminação	Pesos[1/]	Produção[2/]		Variação %
		2020	2021	2021/2020
Grãos	37,7	15 728	15 226	-3,2
Soja	17,8	6 205	6 981	12,5
Milho	12,8	7 681	6 789	-11,6
Feijão	4,5	553	537	-2,9
Outras lavouras				
Café	34,9	2 065	1 355	-34,4
Cana-de-açúcar	13,0	78 384	74 246	-5,3

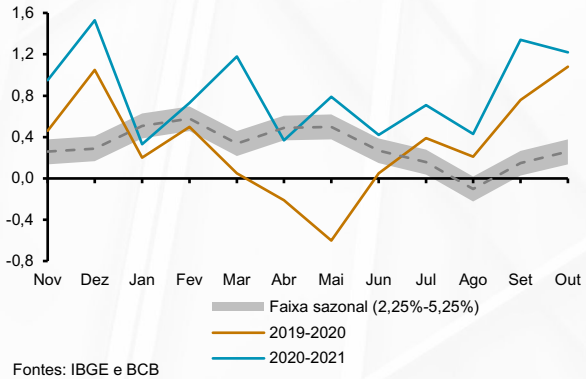
Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de outubro de 2021.

Gráfico 4.1.4 – IPCA RMBH – Padrão sazonal

Variação % mensal



Fontes: IBGE e BCB

se a criação de novos empregos nos setores de serviços, principalmete nos destinados às famílias, e no comércio, beneficiados pelo retorno às atividades após a ampliação da vacinação. A indústria de transformação também contribuiu para o aumento da oferta de postos de trabalho, destacando-se a geração de empregos na fabricação de calçados e produtos de couro, vestuário e produtos alimentícios.

A agricultura mineira deve encerrar o ano de 2021 com queda na produção de grãos. A estiagem prolongada penalizou fortemente a cultura do milho e também a do feijão. A lavoura do café, em ciclo bienal de baixa produtividade, foi prejudicada ainda mais pela estiagem e por fortes geadas que atingiram o Sul do estado e o Triângulo Mineiro. Essas condições climáticas adversas também afetaram a safra de cana-de-açúcar. Entretanto, a comercialização dos estoques de café, soja e açúcar foi beneficiada pelos bons preços no mercado internacional, contribuindo positivamente para a balança comercial mineira.

De acordo com levantamento da Conab[22] e a primeira projeção do IBGE para a safra de 2022, a produção de grãos em Minas deve apresentar aumento significativo, influenciado principalmente pelo cultivo do milho.

O IPCA da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) variou 3,02% no trimestre encerrado em outubro, ante 1,93% no anterior. Esse resultado refletiu, principalmente, a aceleração dos preços de alimentação no domicílio (5,16%), com destaque para tomate, batata inglesa e frango. Entre os bens industriais (3,50%), etanol, automóvel novo e automóvel usado apresentaram as variações mais significativas. Os itens administrados tiveram altas de 2,87% e os de serviços, 1,86%. Em doze meses, a variação do IPCA foi de 10,46% (4,00% em outubro de 2020).

A economia mineira desacelerou no terceiro trimestre, refletindo desempenho desfavorável do comércio e da indústria de transformação. Prospectivamente, a manutenção de condições positivas no mercado internacional para o minério de ferro, além da continuidade da retomada dos serviços, especialmente os destinados às famílias, devem continuar beneficiando a atividade econômica estadual.

22/ O segundo levantamento da Conab indica crescimento de 11,6% na produção de grãos.

4.2 Rio de Janeiro

Gráfico 4.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Rio de Janeiro
Dados dessazonalizados
2019 = 100

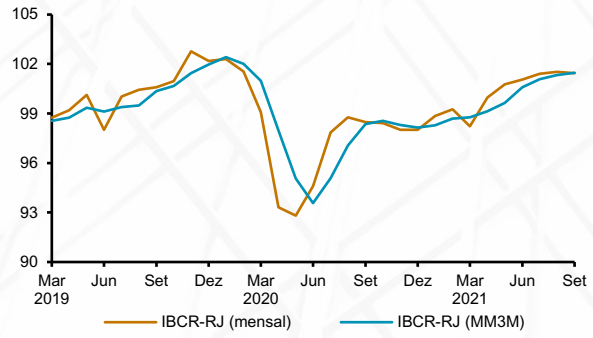
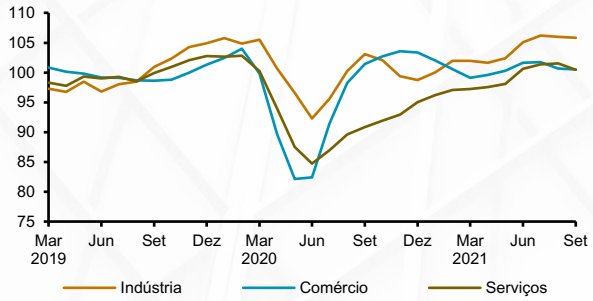


Gráfico 4.2.2 – Comércio, serviços e indústria – Rio de Janeiro
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

A economia fluminense manteve trajetória de expansão no terceiro trimestre, beneficiada pela continuidade da recuperação do mercado de trabalho, do crédito e pelo arrefecimento da pandemia no estado. A indústria, o comércio de veículos e as atividades de serviços ligadas ao turismo e às famílias registraram desempenhos favoráveis no período e sustentaram o incremento da atividade. Nesse contexto, o IBCR-RJ cresceu 0,9% no terceiro trimestre de 2021, em relação ao anterior (+1,9%), segundo dados com ajuste sazonal. Considerados períodos de doze meses, o indicador avançou 0,9% em setembro (-0,2% em igual mês de 2020).

O comércio ampliado fluminense retraiu no terceiro trimestre de 2021, após crescimento no anterior. Houve queda de vendas em sete dos dez segmentos pesquisados. O resultado do período refletiu principalmente os decréscimos das vendas de supermercados e material de construção, bem como os desempenhos desfavoráveis de vestuário e móveis e eletrodomésticos, que registraram forte expansão no segundo trimestre. Em sentido oposto, as vendas de veículos cresceram 22,3%, após crescimento modesto no segundo trimestre.

Em relação ao volume de serviços não financeiros, verificou-se estabilidade no terceiro trimestre, após quatro períodos consecutivos de alta. O resultado repercutiu sobretudo a reversão do desempenho dos serviços de informação e comunicação e dos serviços profissionais, administrativos e complementares. Em contrapartida, o segmento de atividades turísticas expandiu 15,4%, após registrar retração nos dois últimos trimestres, e tende a manter trajetória de crescimento, beneficiado pela expectativa positiva das férias de verão e das comemorações de final de ano, em especial do *réveillon*.

A evolução da quantidade média de voos diários nos dois principais aeroportos do estado acompanha a recuperação do segmento de atividades turísticas. O indicador alcançou em outubro 62,7% da quantidade observada no período pré-pandemia (53,1% em julho).

Ao contrário do comércio e do setor de serviços, a indústria fluminense expandiu no terceiro trimestre de 2021, porém em ritmo menor do que o observado no anterior. Apesar dos impactos das dificuldades nas cadeias de suprimentos e da alta dos preços dos

Tabela 4.2.1 – Produção industrial – Rio de Janeiro
Geral e setores selecionados

Variação % no período

Setores	Pesos[1/]	2021		
		Jun[2/]	Set[2/]	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	3,0	0,7	1,0
Indústrias extrativas	28,1	2,0	0,2	-3,5
Indústrias de transformação	71,9	3,4	1,1	4,1
Deriv. petróleo e biocomb.	25,9	0,3	7,2	-10,0
Metalurgia	10,4	10,0	2,7	18,0
Veículos, reb. e carrocerias	5,8	5,2	-2,5	35,8
Bebidas	3,9	15,2	-2,0	-4,5

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 4.2.2 – Evolução do emprego formal – Rio de Janeiro
Novos postos de trabalho

Acumulado no trimestre (em mil)[2/]

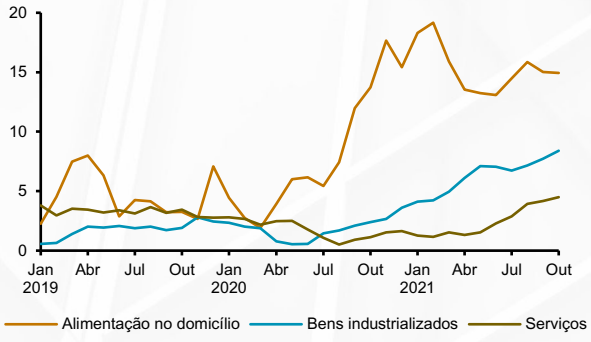
Discriminação	2020		2021		
	Set	Dez	Mar	Jun	Set
Total	7,9	55,9	28,6	38,1	60,8
Indústria de transformação	4,7	5,5	5,7	2,6	7,1
Comércio	7,0	32,5	-0,3	7,0	14,0
Serviços	-9,2	19,3	16,3	22,4	32,6
Construção civil	5,7	0,3	4,1	2,6	5,6
Agropecuária	-0,8	-1,3	0,4	2,7	-0,2
Serviços ind. utilidade pública	0,1	0,1	-0,2	-0,1	0,6
Outros[1/]	0,4	-0,6	2,6	1,1	1,1

Fonte: MTP

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

2/ Refere-se ao trimestre finalizado no mês assinalado.

Gráfico 4.2.3 – Evolução dos preços livres – Rio de Janeiro
Variação % em 12 meses



insumos, o resultado é reflexo da importância da cadeia de petróleo no estado, com crescimentos da indústria extrativa e, principalmente, do segmento de coque, derivados de petróleo e biocombustíveis. Paralelamente, os serviços industriais de utilidade pública também registraram desempenho positivo no período. A confiança do empresariado, porém, recuou no intervalo agosto-outubro (56,1 pontos), após alta em maio-julho. A componente relativa às condições atuais retornou ao patamar de pessimismo (abaixo de 50 pontos), enquanto a referente às expectativas alcançou 59,4 pontos.

Relativamente ao mercado de trabalho, a taxa de desocupação manteve trajetória de queda no segundo trimestre, com crescimento tanto da população ocupada quanto da força de trabalho (ambas ainda abaixo dos níveis pré-pandemia). Dados recentes relativos ao emprego formal indicam que o mercado de trabalho continuou em recuperação no estado, principalmente nos setores de comércio e serviços. O índice de emprego formal dessazonalizado, calculado a partir dos dados do Caged, avançou 1,5% no terceiro trimestre.

De acordo com dados do Ministério da Economia (ME), houve aumento no *superavit* da balança comercial fluminense nos dez primeiros meses de 2021. As exportações aumentaram 39,7%, sobretudo petróleo, beneficiadas pela recuperação dos preços da *commodity* no mercado internacional. As importações avançaram 19,5%, com a queda nas compras de bens de capital mais do que compensada pelo incremento nas aquisições de bens intermediários e, especialmente, de combustíveis (energia elétrica e gás natural liquefeito).

O IPCA da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) variou 3,07% no trimestre terminado em outubro, ante 1,75% no encerrado em julho. A inflação no período foi impactada, em grande parte, pelas acelerações dos preços dos serviços, com destaque para as altas em passagem aérea e condomínio, e dos preços de alimentação no domicílio, destacando-se os aumentos em tubérculos, raízes e legumes, frutas e aves e ovos. Considerados períodos de doze meses, o IPCA da RMRJ aumentou 9,36% em outubro, ante 3,09% em igual mês de 2020.

As perspectivas para a economia fluminense, que tem sido sustentada em parte pelo avanço da indústria do petróleo, permanecem incertas no curto prazo. As principais dúvidas recaem sobre o setor de serviços,

especialmente com relação às atividades ligadas ao turismo. A concretização das expectativas positivas para o próximo trimestre depende da continuidade do arrefecimento da pandemia no estado e dos seus efeitos diretos sobre os desempenhos dos setores de comércio e serviços.

4.3 São Paulo

Gráfico 4.3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – São Paulo
Dados dessazonalizados
2019 = 100

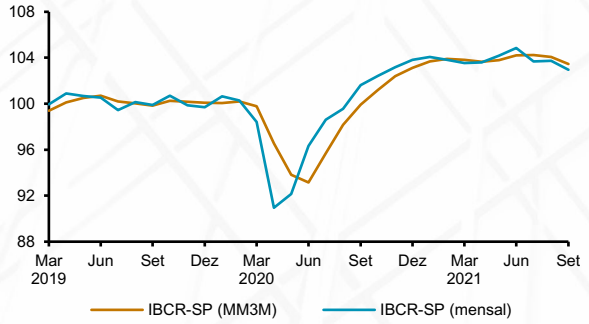


Tabela 4.3.1 – Evolução do emprego formal – São Paulo
Novos postos de trabalho

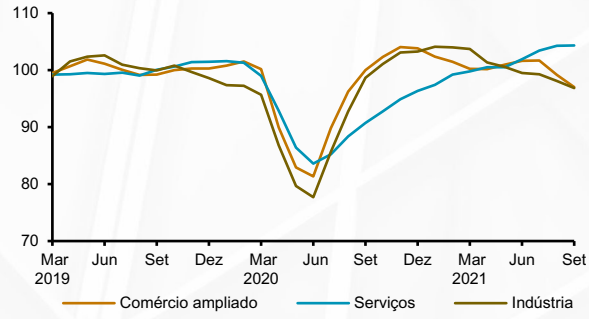
Acumulado no trimestre (em mil)[1/]

Discriminação	2020		2021		
	Set	Dez	Mar	Jun	Set
Total	163,2	218,7	254,6	240,4	303,6
Indústria	56,7	17,3	70,9	27,9	45,2
Comércio	36,2	92,6	5,8	39,8	64,7
Serviços	33,3	111,2	107,0	98,4	160,9
Construção civil	23,7	12,8	36,6	10,8	19,0
Agropecuária	13,3	-15,2	34,5	63,6	13,9

Fonte: MTP

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

Gráfico 4.3.2 – Comércio, serviços e indústria – São Paulo
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

No terceiro trimestre, a atividade econômica em São Paulo interrompeu a recuperação, tendo o IBCR-SP apresentado queda de 0,7% em relação ao trimestre finalizado em junho, quando havia subido 0,4%, considerando dados dessazonalizados. A retração deveu-se, em grande parte, às restrições de componentes para a produção industrial e à queda expressiva das vendas do comércio.

Beneficiado pelo aumento da mobilidade, o setor de serviços apresentou alta de 2,4%, com destaque para os prestados às famílias, que atingiram os maiores patamares desde fevereiro de 2020. Essa recuperação reflete-se nos resultados do mercado de trabalho. Segundo o Caged, mais da metade das vagas criadas no terceiro trimestre concentrou-se no setor de serviços, particularmente nos segmentos de alojamento e alimentação e atividades administrativas e serviços complementares. Também sob a influência da retomada da mobilidade, o comércio apresentou criação de empregos significativamente superior ao resultado do mesmo período do ano anterior. A indústria e a construção continuaram gerando postos de trabalho, mas em ritmo abaixo de 2020.

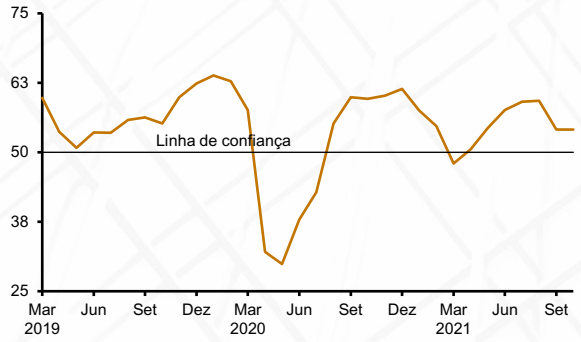
A perda de intensidade da criação de vagas na construção está relacionada a obras de infraestrutura. Em relação à construção de edifícios residenciais, houve alta no emprego, corroborando os aumentos respectivos de 33% e 8% nos lançamentos e vendas na cidade de São Paulo, em comparação com o terceiro trimestre de 2020.

A produção industrial no estado recuou 2,6%, acumulando o segundo trimestre consecutivo de perdas e voltando ao patamar do terceiro trimestre de 2020. A falta de peças, especialmente de componentes eletrônicos, tem prejudicado, principalmente, a fabricação de veículos. A queda do Icei entre julho e outubro indica limitações para a recuperação industrial no curto prazo.

A mudança do padrão de consumo na direção de serviços pode estar contribuindo para a retração no comércio de bens[23]. As vendas do comércio diminuíram no terceiro trimestre, tanto no conceito restrito, 2,4%, quanto no ampliado, 4,5%. Quase todos os segmentos apresentaram recuo, com destaque para veículos e material de construção,

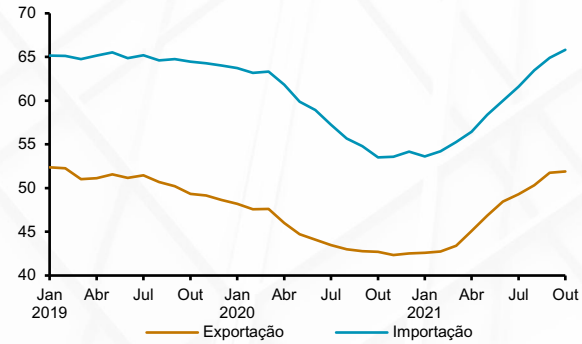
23/ Ver boxe "Consumo regional de bens e serviços na pandemia" neste Boletim Regional.

Gráfico 4.3.3 – Icei – São Paulo
Em pontos – Dados mensais



Fonte: CNI

Gráfico 4.3.4 – Balança comercial – São Paulo
Acumulado em 12 meses
US$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia

móveis e eletrodomésticos, material para escritório e artigos de uso pessoal e doméstico. Os segmentos de combustíveis e vestuário, que são mais relacionados ao aumento da mobilidade, registraram alta.

A recuperação da economia paulista ao longo de 2021 induziu à elevação do *deficit* da balança comercial para US$11,9 bilhões nos primeiros dez meses de 2021 (US$9,6 bilhões em igual período do ano anterior), refletindo crescimento das importações, com destaque para as aquisições de bens intermediários. O aumento das exportações, resultante de elevações nos preços e no *quantum*, foi estimulado pelas maiores vendas de produtos industrializados (25,8% em valor), responsáveis por 78,8% da pauta do estado, notadamente óleos combustíveis, automóveis de passageiros, especialmente para a Argentina, além de máquinas e aparelhos para terraplanagem e perfuração.

A sinalização mista de indicadores mais tempestivos em outubro, como o consumo de energia elétrica, os gastos com cartão de débito e os índices de confiança, não permite apontar uma tendência para o quarto trimestre, apesar de iniciar o período com carregamento estatístico negativo. O setor de serviços, principalmente aqueles voltados às famílias, deve continuar tendo desempenho positivo, devido aos efeitos do avanço da vacinação. Entretanto, o deslocamento do consumo para serviços pode continuar limitando o crescimento do comércio e a escassez e os custos elevados de matérias-primas e componentes podem restringir a produção industrial.

Região Sul

5

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Sul
Dados dessazonalizados
2019 = 100

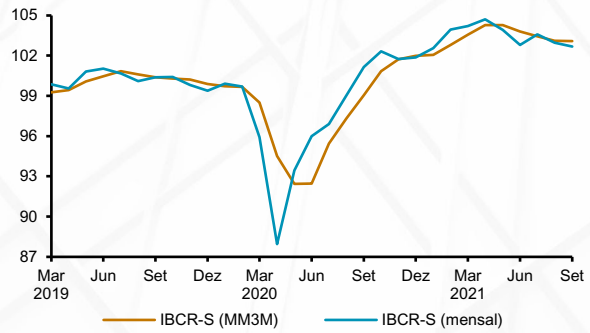
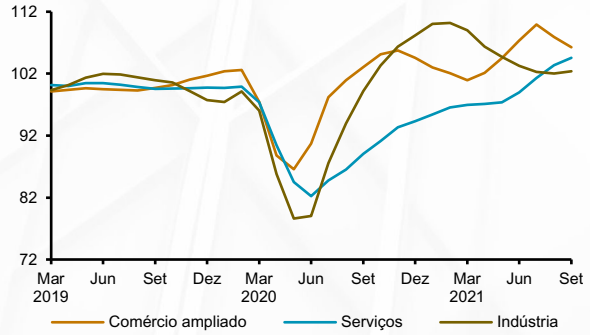
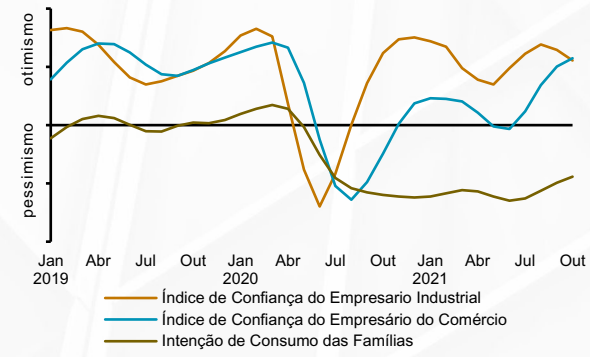


Gráfico 5.2 – Comércio, serviços e indústria – Sul
Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Gráfico 5.3 – Confiança dos agentes – Sul



Fontes: CNI e CNC

A economia do Sul – medida pelo IBCR-S – recuou 0,7% no terceiro trimestre, após quatro intervalos consecutivos de alta.[24] O setor industrial, sem a esperada normalização da cadeia de suprimentos, com estoques reduzidos e custos elevados, contribuiu para a retração da atividade, que se caracteriza ainda por elevada taxa de desocupação, com efeitos negativos sobre a renda (e o consumo) das famílias. No setor terciário, o destaque ficou por conta da prestação de serviços, sobretudo os destinados às famílias, tendo em vista o menor dinamismo do comércio. O crédito segue favorecendo a atividade, apesar do ciclo de aperto monetário, destacando-se as operações de financiamento rural[25]. Em doze meses, o IBCR-S expandiu 5,8%.

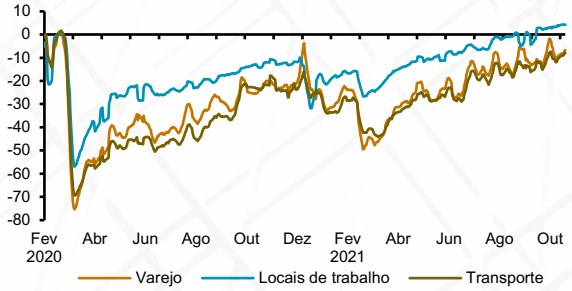
A produção industrial arrefeceu a queda no terceiro trimestre, após forte contração no segundo, quando repercutira, em especial, recuos em veículos, derivados de petróleo e produtos alimentícios. No trimestre, o primeiro segmento registrou menor amplitude na queda – inobstante a permanência da escassez de insumos, sobretudo semicondutores –, o refino de petróleo retornou, após parada de manutenção em unidade no Paraná, e a indústria de alimentos reverteu o resultado, expandindo no terceiro trimestre, com geração expressiva de emprego. Resultado aquém do esperado e níveis reduzidos de estoques fizeram com que os empresários reavaliassem suas expectativas, com declínio da confiança em setembro e outubro, porém mantendo-se em zona de otimismo.

O resultado do terceiro trimestre confirmou a recuperação do setor de serviços[26], que expandiu pelo quinto período em sequência, mitigando a retração da atividade econômica. Todos os segmentos assinalaram alta, em maior magnitude naqueles que envolvem contato pessoal – o que vem sendo viabilizado pela vacinação e redução

24/ Variações da série com ajuste sazonal e comparativamente ao trimestre anterior, exceto quando diversamente explicitado.
25/ Ver boxe "Evolução regional do crédito no terceiro trimestre de 2021" neste Boletim.
26/ Com variação de 5,6% no trimestre, o Sul apresentou a maior taxa de crescimento dentre as regiões.

Gráfico 5.4 – Indicador de mobilidade da Google – Sul

Variação % em relação à média da semana encerrada em 8.3.2020



Fonte: Google LLC "Google COVID-19 Community Mobility Reports" (disponível em: https://www.google.com/covid19/mobility/)

Obs: Agregação regional feita pelo BC. Ajustes para feriados. Dados até 31.10.2021.

Tabela 5.1 – Produção agrícola – Sul

Itens selecionados

Em mil toneladas

Discriminação	Pesos[1/]	Produção[2/]	Variação %	
		2021	2020/2019	2021/2020
Grãos	78,6	76 963	-5,4	5,3
Soja	45,9	42 617	-7,2	23,8
Milho	16,0	15 491	-11,8	-30,0
Arroz	8,3	9 572	9,2	4,8
Trigo	5,1	7 073	17,0	31,0
Feijão	2,4	732	-6,0	-4,5
Outras lavouras				
Fumo	5,3	684	-9,5	2,8
Cana-de-açúcar	2,9	35 416	-4,1	-9,7
Mandioca	2,4	4 506	4,2	-1,8
Batata-inglesa	1,5	1 390	-6,0	11,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de outubro de 2021.

Tabela 5.2 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

Acumulado no trimestre (em mil)[1/]

Discriminação	2020		2021	
	Jun	Set	Jun	Set
Total	-279,8	123,1	100,9	143,4
Indústria de transformação	-96,6	65,6	28,1	33,9
Comércio	-69,1	24,6	26,6	33,1
Serviços	-90,9	17,7	37,4	60,4
Construção civil	-7,2	14,3	7,6	9,0
Agropecuária	-5,3	1,2	-2,9	0,3
Serviços ind. de utilidade pública	-1,3	0,5	-0,1	0,4
Outros[2/]	-9,3	-0,8	4,3	6,3

Fonte: MTP

1/ Novo Caged sem ajuste. Refere-se ao trimestre encerrado no mês.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

das restrições[27]. Diferentemente, o comércio, que vem apresentando volatilidade nos resultados, registrou crescimento modesto no conceito restrito e decréscimo no ampliado. Após recuperação disseminada no trimestre anterior, houve redução no volume comercializado em cinco dos dez ramos pesquisados. Ratificando a limitação da oferta, o segmento de veículos retraiu no trimestre e, considerando dados até outubro da Fenabrave, o número de licenciamentos caiu pelo terceiro trimestre consecutivo e acumulou alta modesta no ano. Com relação às expectativas dos agentes, o trimestre até outubro foi marcado por consumidores ainda cautelosos e empresários confiantes nas condições atuais e para os próximos meses.

A produção de cereais, leguminosas e oleaginosas estimada para 2022 situa-se 13,3% acima da safra anterior, segundo o primeiro prognóstico da produção agrícola do IBGE. O acréscimo de 10,2 milhões de toneladas de grãos no próximo ano baseia-se em aumentos na soja e, principalmente, na recuperação do milho 1ª safra. Para o arroz, espera-se redução na produção, considerando que as condições climáticas poderão ser menos favoráveis que em 2021, novamente sob influência do fenômeno *La Niña*. Para a safra atual, o crescimento esperado é de 5,3%, de acordo com o LSPA de outubro.

Conforme dados da PNADC-T, a taxa de desocupação do Sul atingiu 8,2% da força de trabalho (FT) no segundo trimestre de 2021. Segundo dados dessazonalizados, houve redução do indicador em relação ao primeiro trimestre do ano, com aumento da ocupação além do observado na FT. De acordo com dados do Caged para o terceiro trimestre, foram geradas vagas de forma generalizada nas atividades, sobretudo nos setores industrial (vestuário e calçados) e de serviços. Esse movimento deve ser intensificado, em função de contratações temporárias para o final de ano.

A recuperação da corrente de comércio nos primeiros dez meses de 2021, com forte crescimento nas importações, reverteu o saldo da balança comercial em relação ao mesmo período de 2020. Nessas bases, as exportações, que têm como principal destino a China, registraram alta de 20,4% no preço e 5,7% no *quantum*. Embora predominem as vendas de básicos (soja e carnes), observou-se ampliação expressiva de industrializados, em especial de madeira beneficiada. O substancial aumento das importações se deu nos

27/ Ver boxe "Recuperação regional das atividades turísticas" neste Boletim.

Tabela 5.3 – Comércio exterior – Sul

Janeiro-outubro

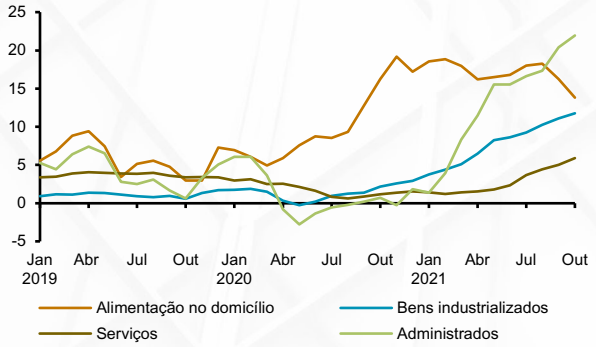
US$ milhões

Discriminação	2020	2021	Var. %
Exportações	32 564	41 930	28,8
Básicos	18 108	22 046	21,7
Industrializados	14 456	19 884	37,5
Semimanufaturados	2 911	4 163	43,0
Manufaturados	11 545	15 721	36,2
Importações	28 176	43 661	55,0
Bens de capital	3 546	5 325	50,2
Bens intermediários	18 242	29 941	64,1
Bens de consumo	4 453	5 908	32,7
Combustíveis	1 934	2 478	28,1
Saldo comercial	4 388	-1 731	

Fonte: Ministério da Economia

Gráfico 5.5 – IPCA – Sul

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

preços (+14,5%) e, principalmente, na quantidade (+35,1%), em especial insumos industriais (com destaque de produtos para a petroquímica) e agrícolas (fertilizantes).

O IPCA do Sul registrou a maior taxa dentre as regiões no trimestre até outubro, a exemplo do observado no anterior. A variação foi mais expressiva no segmento dos preços industriais (automóvel e etanol) e, principalmente, nos administrados (gasolina, energia elétrica residencial e gás de botijão). Vale destacar que, diante da reativação da economia, o setor de serviços apresentou aceleração mais intensa nos preços, com ênfase em passagem aérea, aluguel residencial, refeição, conserto de automóvel e transporte por aplicativo.

A atividade econômica tem evoluído de forma assimétrica ao longo do ano, com destaques positivos para a indústria e produção agrícola no primeiro trimestre e para o comércio e a construção civil no segundo. O terceiro trimestre assinalou desaceleração do processo de crescimento, com indicadores da produção industrial e do comércio abaixo do esperado. Por outro lado, o setor de serviços, inclusive turismo, apresentou recuperação robusta, em trajetória que deve persistir. As perspectivas seguem positivas para o período até o final deste ano, ancoradas nos efeitos da ampliação da vacinação e da mobilidade sobre o consumo das famílias. Note-se que a normalização da cadeia de suprimentos industriais, incluídos semicondutores para o setor automotivo e insumos agrícolas, especialmente defensivos, é essencial para garantir dinamismo adicional à economia do Sul.

5.1 Paraná

A atividade econômica, mensurada pelo IBCR-PR, após recuar no segundo trimestre, relativamente ao anterior, permaneceu estável no terceiro[28]. O resultado repercutiu, em especial, o declínio na produção fabril e a continuidade na recuperação do setor de serviços, com desdobramentos positivos sobre o mercado de trabalho.

A produção industrial caiu no terceiro trimestre, em ritmo inferior ao do intervalo anterior. Os resultados positivos da indústria de alimentos e de derivados de petróleo e biocombustíveis (após parada de manutenção na Refinaria Presidente Getúlio Vargas) foram compensados pelo recuo na fabricação de máquinas e equipamentos e de veículos. Embora ainda situada na área de otimismo, a confiança dos empresários diminuiu a partir de setembro, influenciada por condições atuais relacionadas à situação hídrica e ao aumento nos custos de produção. O componente relativo às expectativas manteve-se estável.

Em cenário de maior mobilidade, a prestação de serviços expandiu no terceiro trimestre, influenciada, em boa medida, pela recuperação dos serviços às famílias. O setor de turismo, fortemente impactado pela primeira e segunda ondas da pandemia, assinalou expressiva reação no período. O comércio apresentou resultados distintos, com retração no ampliado e crescimento no conceito restrito. No primeiro, houve combinação de menores volumes comercializados em cinco dos dez segmentos, inclusive material de construção e veículos; o segundo teve influência do aumento de outros artigos de uso pessoal, e doméstico. A confiança dos empresários do comércio e a intenção de consumir dos agentes econômicos mantiveram-se em trajetória ascendente.

A expectativa de elevação na produtividade da lavoura de trigo não se confirmou, em decorrência dos efeitos da estiagem e de problemas climáticos adicionais, que levaram a revisar a produção para nível semelhante ao obtido em 2020. Para 2022, o 1° Prognóstico do IBGE estima aumento de 26,2% na colheita de grãos, destacando-se soja e milho, pela recuperação na produtividade das lavouras e ampliação na área cultivada. Para o feijão 1ª safra, observa-se diminuição na área, todavia condições mais favoráveis ao desenvolvimento da leguminosa devem elevar a quantidade produzida.

Gráfico 5.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Paraná
Dados dessazonalizados

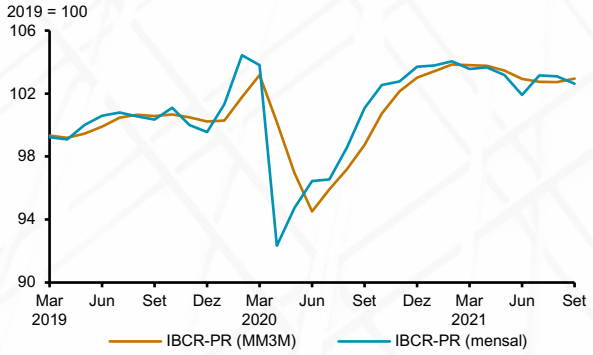
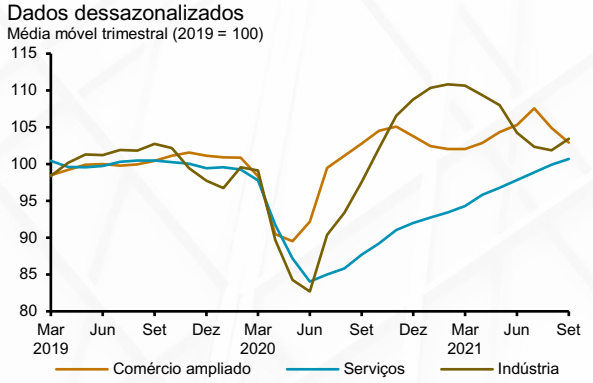


Gráfico 5.1.2 – Comércio, serviços e indústria – PR
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 5.1.1 – Produção agrícola – Paraná
Itens selecionados

Em mil toneladas

Discriminação	Pesos[1/]	Produção[2/] 2021	Variação % 2021/2020
Grãos	82,8	33 218	-17,9
Soja	51,7	19 854	-4,9
Milho	21,1	8 911	-41,5
Trigo	5,3	3 239	3,8
Feijão	3,6	544	-7,3
Outras lavouras			
Cana-de-açúcar	5,1	34 634	-10,0
Fumo	2,6	147	-16,3
Mandioca	2,5	3 319	-4,2
Batata-inglesa	1,6	773	1,7
Tomate	0,9	221	-10,6

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de outubro de 2021.

28/ Variações da série com ajuste sazonal e comparativamente ao trimestre anterior, exceto quando diversamente explicitado.

Tabela 5.1.2 – Evolução do emprego formal – PR

Novos postos de trabalho

Acumulado no trimestre (em mil)[1/]

Discriminação	2020		2021	
	Jun	Set	Jun	Set
Total	-76,0	45,6	41,8	51,5
Indústria de transformação	-19,1	20,2	11,2	11,5
Comércio	-21,7	10,6	11,1	13,8
Serviços	-32,5	6,5	12,7	23,3
Construção civil	0,5	7,6	3,7	1,4
Agropecuária	0,2	1,0	2,0	-0,9
Serviços ind. de utilidade pública	-0,2	0,0	0,1	0,1
Outros[2/]	-3,2	-0,2	0,9	2,4

Fonte: MTP

1/ Novo Caged sem ajuste. Refere-se ao trimestre encerrado no mês.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 5.1.3 – Comércio exterior – Paraná

Janeiro-outubro

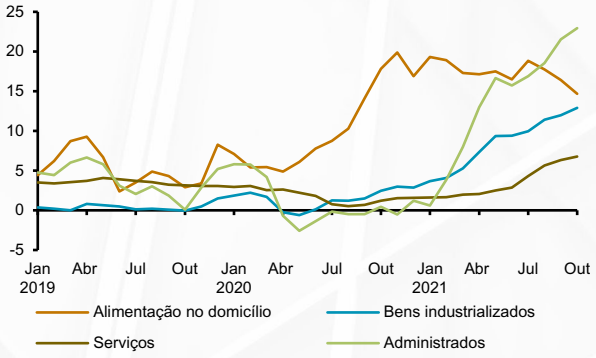
US$ milhões

Discriminação	2020	2021	Var. %
Exportações	13 851	15 911	14,9
Básicos	7 989	8 237	3,1
Industrializados	5 862	7 674	30,9
Semimanufaturados	1 537	1 988	29,3
Manufaturados	4 325	5 686	31,5
Importações	9 606	13 761	43,3
Bens de capital	1 024	1 514	47,9
Bens intermediários	6 539	9 540	45,9
Bens de consumo	988	1 241	25,6
Combustíveis	1 055	1 467	39,1
Saldo comercial	4 245	2 150	-49,4

Fonte: Ministério da Economia

Gráfico 5.1.3 – IPCA – RMC

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

No segundo trimestre de 2021, a queda na taxa de desocupação, tanto na comparação com o trimestre anterior quanto com igual período de 2020, deu-se com retração da força de trabalho acima do recuo na ocupação. No mercado formal, dados do Caged para o terceiro trimestre apontam criação líquida disseminada de vagas. O setor de serviços registrou a maior contribuição na geração de postos de trabalho e o segmento de alojamento e alimentação, a recomposição mais intensa em relação aos trimestres anteriores.

As exportações paranaenses concentraram seu crescimento em produtos industrializados, com destaque para madeira beneficiada. A pequena variação nos produtos básicos repercutiu a queda na quantidade embarcada de soja, que foi compensada pelo aumento em seu preço e pelo crescimento nos demais produtos básicos. A elevação das importações resultou do aumento nos preços (+13,5%) e na quantidade (+26,3%), sobressaindo o acréscimo nas aquisições de autopeças e fertilizantes.

O IPCA da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) acelerou no trimestre encerrado em outubro, comparativamente ao finalizado em julho, apresentando a maior variação dentre os locais pesquisados no país. As maiores pressões altistas advieram de administrados e, dentre os preços livres, do segmento de bens industrializados.

As perspectivas para a economia estadual permanecem positivas, impulsionadas por datas favoráveis às vendas varejistas e contratações temporárias de final de ano. Prospectivamente, a atividade tende a ser beneficiada pelo desempenho da agricultura, fabricação de alimentos e vendas externas.

5.2 Rio Grande do Sul

A economia gaúcha – medida pelo IBCR-RS – recuou 2,7% no terceiro trimestre, intensificando a queda, relativamente ao segundo[29]. Com o crescimento da agricultura já apropriado anteriormente, o resultado na margem repercutiu a elevação dos custos de produção e dificuldades na cadeia de matérias-primas e insumos industriais, o que também condicionou o desempenho do comércio. A expansão robusta dos serviços contribuiu para mitigar a queda da atividade, que acumulou expansão de 6,8% em doze meses até setembro.

Na margem, o resultado favorável do setor de serviços foi influenciado, em especial, pelos segmentos destinados às famílias. A ampliação da vacinação permitiu maior mobilidade e o retorno das atividades com maior interação interpessoal, com efeitos benéficos também sobre o turismo. Em contexto de declínio da massa de rendimentos, o acréscimo em serviços às famílias pode ter ocorrido em detrimento do comércio de bens[30, 31]. Isso porque esse setor apresentou resultado abaixo do esperado, com decréscimos nos conceitos restrito e ampliado (que inclui veículos e material de construção).

A produção industrial recuou no terceiro trimestre, mas com crescimento nos dois últimos meses. Apesar da retração – em boa parte concentrada na indústria fumageira –, o trimestre destacou o retorno da fabricação de veículos, embora sem recuperar a expressiva redução no intervalo anterior decorrente da indisponibilidade de insumos. Adicionalmente, a indústria calçadista apresentou relativa estabilidade, após significativa retração no trimestre anterior.[32]

O 1° Prognóstico do IBGE para a safra 2022 estima variações de 2,9% e de 1,9%, respectivamente, na produção e na área a ser colhida de grãos, após expansão significativa em 2021 (43,7% segundo o LSPA de outubro). Responsável por mais de 70% da produção nacional de arroz, o estado deve produzir quantidade menor, influenciada por diminuição na produtividade média, beneficiada por excelente condição de luminosidade no ciclo anterior. Em sentido contrário, as estimativas de produção de milho 1ª safra e de soja são de elevação em ambas as lavouras.

Gráfico 5.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Rio Grande do Sul
Dados dessazonalizados

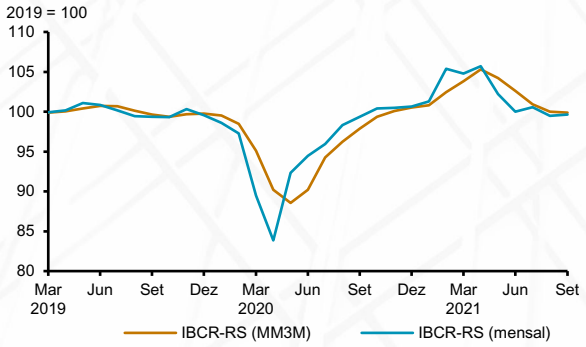
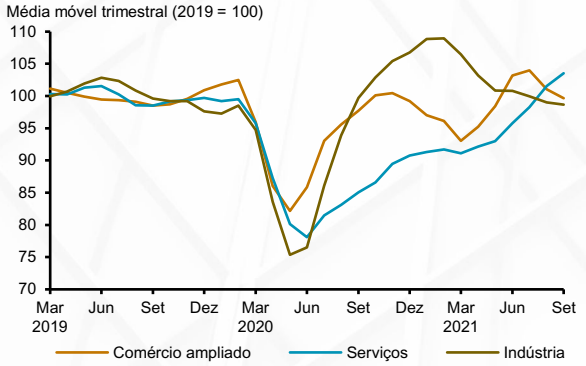


Gráfico 5.2.2 – Comércio, serviços e indústria – RS
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 5.2.1 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul
Itens selecionados

Em mil toneladas

Discriminação	Pesos[1/]	Produção[2/]	Variação %	
		2021	2020/2019	2021/2020
Grãos	79,7	37 631	-24,4	43,7
Soja	43,7	20 420	-38,9	80,8
Arroz	20,2	8 258	8,3	6,3
Milho	8,0	4 380	-26,7	4,1
Trigo	5,8	3 558	-8,0	69,1
Feijão	0,6	90	-11,7	10,6
Outras lavouras				
Fumo	6,4	344	-22,7	19,4
Mandioca	2,3	844	-10,9	6,6
Uva	2,8	952	10,3	29,4
Batata-inglesa	1,5	511	-19,5	40,2

Fonte: IBGE
1/ Por valor da produção – PAM 2020.
2/ Estimativa segundo o LSPA de outubro de 2021.

29/ Variações da série com ajuste sazonal e comparativamente ao trimestre anterior, exceto quando diversamente explicitado.
30/ A massa de rendimento real caiu 1,1% no primeiro semestre de 2021, comparativamente ao primeiro de 2020 (PNADC-T).
31/ Ver boxe "Consumo regional de bens e serviços na pandemia" neste Boletim.
32/ A fabricação de veículos passou de -40,1% no segundo trimestre para +4,2% no terceiro; a de calçados, de -13,2% para -0,4% nos mesmos intervalos.

Tabela 5.2.2 – Evolução do emprego formal – Rio Grande do Sul

Novos postos de trabalho

Acumulado no trimestre (em mil)[1/]

Discriminação	2020		2021	
	Jun	Set	Jun	Set
Total	-111,6	24,2	19,5	40,4
Indústria de transformação	-39,6	14,6	4,6	7,6
Comércio	-28,6	6,4	6,8	9,2
Serviços	-32,1	0,1	12,3	17,4
Construção civil	-4,1	3,3	-0,6	3,5
Agropecuária	-3,8	0,2	-3,9	0,7
Serviços ind. de utilidade pública	-0,3	0,1	-0,6	0,1
Outros[2/]	-3,1	-0,5	0,9	1,8

Fonte: MTP

1/ Novo Caged sem ajuste. Refere-se ao trimestre encerrado no mês.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 5.2.3 – Comércio exterior – Rio Grande do Sul

Janeiro-outubro

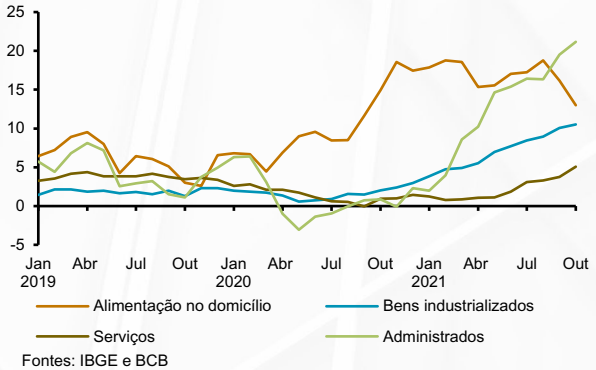
US$ milhões

Discriminação	2020	2021	Var. %
Exportações	11 949	17 640	47,6
Básicos	6 874	10 198	48,4
Industrializados	5 075	7 442	46,6
Semimanufaturados	1 087	1 759	61,8
Manufaturados	3 987	5 683	42,5
Importações	6 237	9 557	53,2
Bens de capital	1 084	1 610	48,5
Bens intermediários	3 741	6 329	69,2
Bens de consumo	563	693	23,0
Combustíveis	847	920	8,6
Saldo comercial	5 712	8 083	41,5

Fonte: Ministério da Economia

Gráfico 5.2.3 – IPCA – RMPA

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

Segundo dados da PNADC-T, a taxa de desocupação atingiu 8,8% no segundo trimestre de 2021 (9,4% em igual período de 2020). Na margem, o indicador dessazonalizado também recuou em relação ao primeiro intervalo, com altas na força de trabalho e na ocupação. Conforme dados do Caged para o terceiro trimestre, houve criação de postos formais de trabalho em todas as atividades, com o setor de serviços registrando a maior contribuição e com o segmento de alojamento e alimentação recompondo seus postos mais intensamente.

No comércio externo, houve forte elevação no saldo da balança comercial no ano até outubro, em relação a igual intervalo de 2020. A ampliação das exportações decorreu, sobretudo, da alta dos preços (+24%), destacando-se a soja, cuja cotação variou cerca de 40% em relação ao ano anterior, e que também assinalou recuperação nas quantidades embarcadas. O crescimento das importações se deu tanto nos preços dos produtos (+20%) quanto na quantidade (+25%), sobressaindo o aumento nas aquisições de fertilizantes, condizente com a estrutura produtiva gaúcha.

O IPCA da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) acelerou no trimestre encerrado em outubro, condicionado pelo reajuste em administrados, embora com intensidade inferior ao do trimestre anterior. Nos demais segmentos, destacou-se a elevação em serviços, em linha com a retomada do setor.

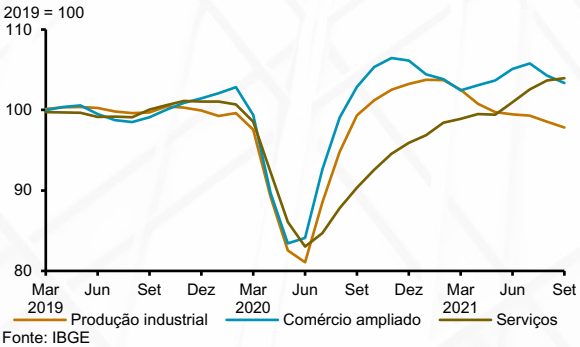
A permanência de dificuldades na cadeia de insumos segue impedindo a reativação da atividade aos níveis anteriormente programados. Para o quarto trimestre, espera-se dinamização adicional da economia, com a maior mobilidade e as festas do final do ano.

Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais

6

Gráfico 6.1 – Produção industrial, comércio e serviços

Média móvel de três meses, dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Figura 6.1 – Índice de Atividade do Banco Central

Variação % (3º trim ante 2º trim)

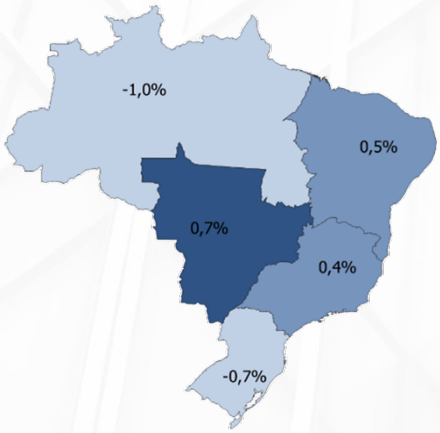
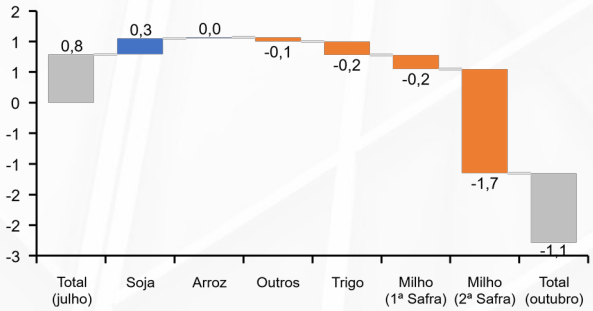


Gráfico 6.2 – Contribuição para a variação da produção anual de grãos, por produto

p.p. (LSPA de outubro comparativamente ao LSPA de julho)



Fonte: IBGE

Indicadores recentes da atividade mostram resultados distintos entre os setores da economia brasileira. A produção industrial e as vendas do comércio, que se recuperaram mais rapidamente dos impactos da Covid-19, apresentaram desempenhos negativos e abaixo do esperado nos últimos meses. Por outro lado, segmentos do setor de serviços mais atingidos pela pandemia continuam em trajetória de recuperação robusta. Prospectivamente, o cenário é de retomada da atividade, ainda que menos intensa e mais concentrada no setor de serviços do que prevista anteriormente. Regionalmente, esse comportamento, em parte pela estrutura produtiva, tende a favorecer as economias do Nordeste e Sudeste.

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) apresentou relativa estabilidade no terceiro trimestre (-0,1%)[33], com resultados mistos nos indicadores regionais. O comportamento da indústria e do comércio influenciou as retrações observadas no Sul e no Norte. Em sentido contrário, a expansão em serviços, em especial os prestados às famílias e às empresas[34], contribuiu para o crescimento no Sudeste. No Nordeste e Centro-Oeste, os resultados positivos refletiram, além da recuperação dos serviços às famílias, retomada parcial da indústria no primeiro e expansão do comércio no segundo.

O primeiro prognóstico para a safra de 2022 indica aumento de 7,8% da produção de grãos no país, segundo dados do IBGE, com variações de 6,8% no rendimento médio e de 0,9% na área. As expectativas de maior crescimento são para as duas principais regiões produtoras (Centro-Oeste e Sul) e decorrem de aumento na área cultivada com soja, milho e algodão, e do restabelecimento da produtividade do milho da segunda safra. O bom desempenho esperado da agricultura e os preços elevados das

33/ O crescimento de determinado período, neste texto, está referenciado à série com ajuste sazonal e ao período imediatamente anterior, exceto quando mencionado os períodos de comparação. Dadas as dificuldades relacionadas à dessazonalização das séries em decorrência do choque da pandemia, ver o boxe "Efeitos da pandemia sobre o ajuste sazonal dos indicadores econômicos" no Relatório de Inflação de junho 2021, esse resultado deve ser interpretado com cautela.

34/ Segundo classificação das Contas Regionais do IBGE.

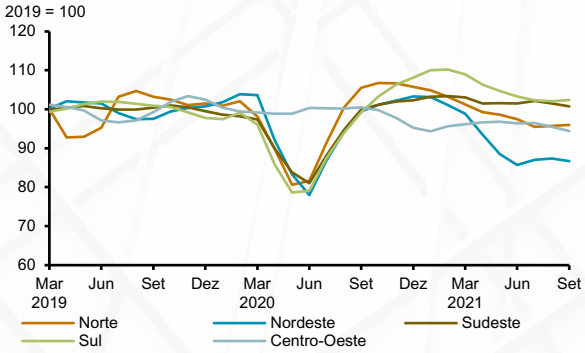
commodities tendem a beneficiar a expansão da economia em 2022. Para a safra de 2021, o LSPA de outubro estima retração de 1,2% comparativamente à produção do ano anterior (+0,8% no LSPA de julho). A reversão da projeção para o setor entre os dois levantamentos (Gráfico 6.2) é explicada, especialmente, pela revisão na produção de milho da segunda safra, cultura que já havia sido o principal fator na revisão baixista entre os levantamentos de abril e julho.

A produção industrial nacional recuou novamente no terceiro trimestre. Limitações na oferta de insumos, notadamente na fabricação de veículos, continuam impactando o setor e devem perdurar nos próximos meses. No Nordeste, observou-se retomada parcial no período, com avanços nos segmentos de refino e de couro e calçados. Nas demais regiões houve redução, com destaque para o Centro-Oeste, especialmente em alimentos e madeira. A retração no Sudeste decorreu do desempenho desfavorável em automóveis (particularmente em Minas Gerais) e alimentos (Minas Gerais e São Paulo). A normalização da cadeia produtiva na indústria deve ocorrer apenas no próximo ano.

As vendas do comércio ampliado oscilaram ao longo do ano. Ao forte recuo no primeiro trimestre, com o agravamento da pandemia, sucedeu retomada, em linha com o aumento da vacinação e seus efeitos sobre a disseminação e a gravidade da Covid-19. Contudo, apesar da melhora na crise sanitária, as vendas caíram no terceiro trimestre, impactadas, em parte, por choques de oferta[35]. As vendas retraíram na maioria das regiões, exceto no Centro-Oeste, onde o crescimento repercutiu o comportamento de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Adicionalmente, destaca-se a expansão das vendas de automóveis e motocicletas no Nordeste e Centro-Oeste, diferentemente do ocorrido no restante do país.

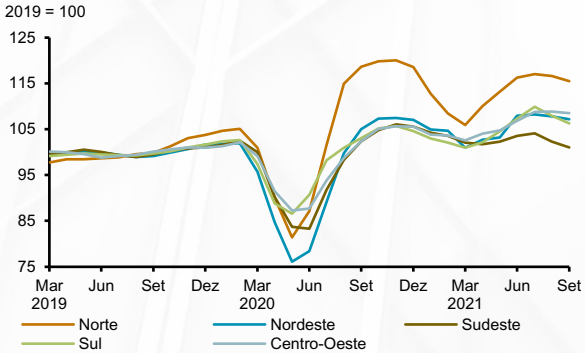
O setor de serviços, medido pela PMS, cresceu no terceiro trimestre na maioria das regiões (à exceção do Centro-Oeste). Último a iniciar trajetória de retomada após os efeitos mais intensos da pandemia, os serviços registraram resultados positivos ao longo do ano, em oposição às oscilações das vendas varejistas e às retrações na produção fabril. Refletindo a melhora da pandemia, o crescimento do segmento de serviços às famílias foi generalizado no terceiro trimestre entre as unidades da federação para as quais essa

Gráfico 6.3 – Produção industrial
Média móvel de três meses, dados dessazonalizados



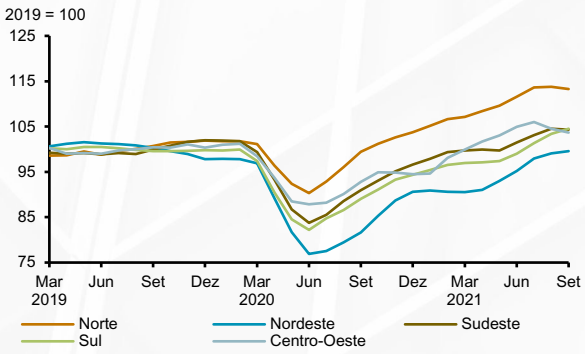
Fontes: IBGE e BCB

Gráfico 6.4 – Vendas do comércio ampliado
Média móvel de três meses, dados dessazonalizados



Fontes: IBGE e BCB

Gráfico 6.5 – Volume do setor de serviços
Média móvel de três meses, dados dessazonalizados



Fontes: IBGE e BCB

35/ Entre eles estão: problemas climáticos afetando preços de produtos agrícolas e de energia, preços de *commodities* em patamares elevados e escassez de insumos em algumas cadeias produtivas.

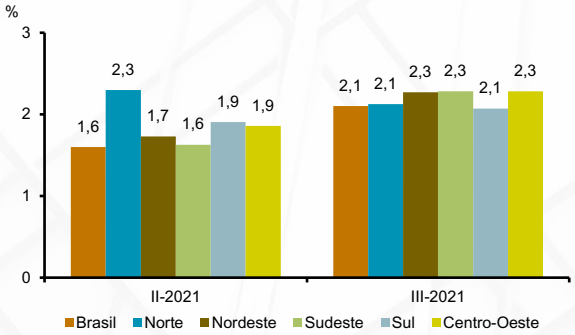
informação está disponível[36]. Regionalmente, Sul e Nordeste registraram expansões mais significativas, com destaque, além dos serviços às famílias, para o comportamento de serviços profissionais no primeiro e transportes no segundo. As perspectivas para os serviços mais dependentes do relacionamento social são favoráveis para o último trimestre do ano e início de 2022, em linha com o avanço da vacinação e expectativa de continuidade do arrefecimento da crise sanitária[37].

O ritmo de geração de emprego com carteira assinada no terceiro trimestre superou o do trimestre anterior no país. Em todas as regiões destaque para os segmentos de maior interação social, especialmente alojamento e alimentação. Contudo, a geração líquida de vagas no mercado de trabalho formal mostrou desaceleração ao longo dos meses do último trimestre, refletindo, em parte, maior nível de desligamentos. A taxa de desocupação, segundo a PNADC-T com dados dessazonalizados relativos ao segundo trimestre, recuou no Sudeste e Sul e aumentou no Norte e Nordeste, onde a força de trabalho cresceu com maior intensidade. De forma geral, a taxa de participação encontra-se substancialmente abaixo do nível pré-pandemia, o que indica elevada ociosidade do mercado de trabalho.

As operações de crédito aceleraram no terceiro trimestre, tanto no segmento empresarial quanto nos empréstimos às pessoas físicas (PF). O crescimento do crédito às pessoas jurídicas (PJ) decorreu, principalmente, do impulso nas concessões do Pronampe. Entre as operações com PF, destacaram-se os empréstimos pessoais (consignados ou não), em linha com a retomada do consumo, e os financiamentos imobiliários. Regionalmente, o resultado positivo no trimestre foi disseminado, com destaque novamente para o Norte nos dois segmentos e para a alta mais moderada do crédito PJ no Sudeste, influenciada pela diminuição nos financiamentos à exportação.

No setor externo, os preços elevados das *commodities* metálicas e agrícolas continuaram a beneficiar o saldo da balança comercial no acumulado do ano até outubro, com crescimento expressivo em relação ao mesmo período do ano anterior, sobressaindo Sudeste e Norte (minério de ferro). Em sentido

Gráfico 6.6 – Emprego formal
Variação trimestral, dados dessazonalizados



Fonte: MTP

Tabela 6.1 – Operações de crédito do SFN[1/]
Setembro de 2021

Var %

Discriminação	Operações de crédito					
	Trimestre			12 meses		
	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total
Brasil	3,6	6,4	5,2	11,2	20,8	16,5
Norte	7,5	8,8	8,4	23,6	28,5	26,9
Nordeste	5,3	6,4	6,0	16,0	21,2	19,6
Centro-Oeste	4,0	7,1	6,0	9,5	22,0	17,3
Sudeste	2,4	5,7	4,1	9,8	19,8	14,7
Sul	5,6	7,0	6,4	11,9	20,0	16,5

1/ Operações com saldo superior a R$1 mil.

36/ A PMS divulga informações por segmentos para doze unidades da federação (UF): Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Distrito Federal.

37/ Ver boxes "Recuperação regional das atividades turísticas" e "Consumo regional de bens e serviços na pandemia" neste Boletim.

Tabela 6.2 – Balança comercial regional – FOB

Janeiro-Outubro

US$ bilhões

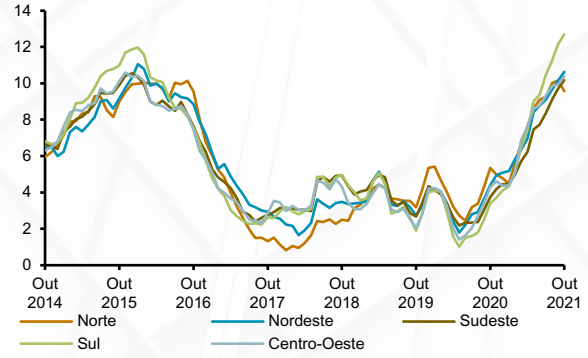
Região	Exportações		Importações		Saldo	
	2020	2021	2020	2021	2020	2021
Total	173,4	235,8	128,2	177,3	45,2	58,5
Norte	20,0	30,1	9,7	13,6	10,3	16,5
Nordeste	13,2	17,5	12,5	19,9	0,6	-2,4
Centro-Oeste	27,8	32,8	6,8	11,2	21,0	21,6
Sudeste	78,9	111,1	69,7	88,9	9,2	22,2
Sul	32,6	41,9	28,2	43,7	4,4	-1,7
Outros[1/]	0,9	2,4	1,2	0,0	-0,3	2,4

Fonte: Ministério da Economia

1/ Referem-se a operações não classificadas regionalmente.

Gráfico 6.7 – IPCA

Variação % 12 meses



Fonte: IBGE

contrário, Nordeste e Sul mantiveram tendência de aumento do *deficit*, condicionado pelo crescimento acentuado das importações. No Centro-Oeste, a quebra da segunda safra de milho impactou as exportações da região, diminuindo o ritmo de expansão do saldo.

A inflação ao consumidor, medida pela variação do IPCA, segue elevada e mais persistente que o antecipado. No trimestre encerrado em outubro, o IPCA variou 3,32% (2,34% no trimestre anterior). Os preços de bens industriais continuaram exercendo pressões significativas, enquanto a inflação de serviços aumentou, em linha com a gradual normalização da atividade no setor. Adicionalmente, os preços de produtos *in natura* subiram, seguindo o padrão sazonal, e pressionaram a inflação no trimestre. Considerados períodos de doze meses, o IPCA acumulou variação de 10,67% em outubro (8,99% em julho). Regionalmente, os preços seguiram, de forma geral, o comportamento observado em nível nacional, com maior variação, no acumulado em doze meses, no Sul, com pressões dos preços administrados e de serviços, especialmente dos subjacentes. No Norte, a inflação apresentou evolução ligeiramente mais benigna, repercutindo, principalmente, maior desaceleração dos preços de alimentos no domicílio e relativa estabilidade na variação dos preços industriais.

Em síntese, a relativa estabilidade da atividade econômica no terceiro trimestre ocorreu com desempenho desigual entre os setores. Os serviços registraram expansão, favorecida por avanço da vacinação e redução dos casos e óbitos pela Covid-19. Por outro lado, comércio, indústria e agricultura recuaram no trimestre. Segundo o IBCR, a evolução regional da atividade econômica também foi desigual, com aumento no Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste.[38] Apesar da elevada incerteza para 2022, a continuidade da recuperação do mercado de trabalho e dos serviços, o desempenho de atividades menos ligadas ao ciclo de negócios, como agropecuária e indústria extrativa, e os resquícios do processo de normalização da economia tendem a beneficiar o crescimento. Em sentido oposto, atuam a elevação dos prêmios de risco e o aperto das condições financeiras.

38/ Como ressaltado em publicações anteriores deste Boletim e do Relatório de Inflação, os resultados na margem devem ser analisados com cautela dadas as dificuldades do processo de dessazonalização provocadas pelo choque da pandemia.

Consumo regional de bens e serviços na pandemia

A evolução da pandemia e as reações dos agentes definiram diferentes fases do consumo das famílias. Em um primeiro momento, a participação do consumo de bens cresceu, principalmente em não duráveis, materiais de construção e móveis e eletrodomésticos. Posteriormente, iniciou-se processo de normalização do consumo de outros bens e dos serviços, este último ainda em curso e favorecido pelo avanço da vacinação em todo o país. Neste boxe, avalia-se a evolução regional do consumo no período da pandemia e em que grau a participação dos serviços na cesta das famílias já foi normalizada[1].

Para essa avaliação, construiu-se um indicador evoluindo o consumo de bens e serviços das famílias em 2018 com os dados mensais desagregados da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) e da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) no Brasil e nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul[2]. Os pesos do indicador foram calculados com base no levantamento das despesas monetárias de consumo domésticas das famílias, a partir dos microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018[3]. No Brasil, essa abordagem permite avaliar a evolução de bens e serviços que representavam 67%[4] do consumo das famílias naquele ano (Sudeste, 64%; Sul, 69%; Nordeste, 70%). A vantagem desse indicador em comparação à análise direta da PMC e da PMS é a identificação da importância relativa de cada segmento para a evolução do consumo.

Verifica-se no Gráfico 1 que nas regiões Sudeste e Nordeste os impactos iniciais da pandemia sobre o consumo de bens e serviços foram mais acentuados, com quedas respectivas de 32% e 31% em abril de 2020 em relação a fevereiro do mesmo ano, enquanto o Sul retraiu 26%. A recuperação ao longo do restante do ano foi mais intensa no Nordeste[5], refletindo possivelmente a maior importância relativa do Auxílio Emergencial (AE) na manutenção da renda das famílias da região. O AE parece ter influenciado também o crescimento das compras de móveis e eletrodomésticos com maior ênfase no Nordeste no segundo semestre de 2020 (Gráfico 2[6]). Em 2021, com o recrudescimento da pandemia no início do ano, a diferença de comportamento do consumo entre as regiões se repetiu, com maior queda no Sudeste e no Nordeste, e recuperação mais

1/ No boxe "Consumo de bens e serviços na pandemia", do Relatório de Inflação de setembro de 2021, foi realizada avaliação do consumo das famílias em nível nacional com base em pesos calculados a partir da Tabela de Recursos e Usos (TRU) de 2018.

2/ Foram avaliadas as regiões em que existe detalhamento da PMC e da PMS por atividade. Os dados do Nordeste referem-se aos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, para os quais há o referido detalhamento.

3/ Os produtos da POF foram primeiramente associados aos subitens do Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor (SNIPC) através do tradutor de correspondência entre despesas POF-SNIPC, e depois relacionados às atividades da PMC e da PMS com base nos deflatores dessas duas pesquisas. Aqueles cujos subitens correspondentes não pertenciam ao conjunto dos deflatores das pesquisas foram relacionados aos segmentos da PMC e da PMS através da identificação dos seus códigos na Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE). Os produtos que não puderam ser associados às atividades da PMC ou da PMS não foram considerados no cálculo dos pesos dos indicadores. Dos 5329 produtos da POF, aqueles relativos a despesas de consumo domésticas que possuíam relação direta com algum segmento da PMC ou PMS foram evoluídos pelos respectivos segmentos dessas pesquisas. Todos os bens foram associados a uma atividade da PMC e os serviços foram associados aos serviços prestados às famílias, transportes ou serviços de informação e comunicação na PMS. Posteriormente os bens e serviços foram agregados em alguns grupos (bens não duráveis, têxteis e outros, móveis e eletrodomésticos, automóveis, materiais de construção, serviços às famílias e transporte e informação). A série de cada grupo foi dessazonalizada utilizando-se o calendário de dias úteis da especificação do ajuste sazonal do Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br). A série total dessazonalizada foi construída de maneira indireta, a partir das séries dos componentes ajustadas sazonalmente.

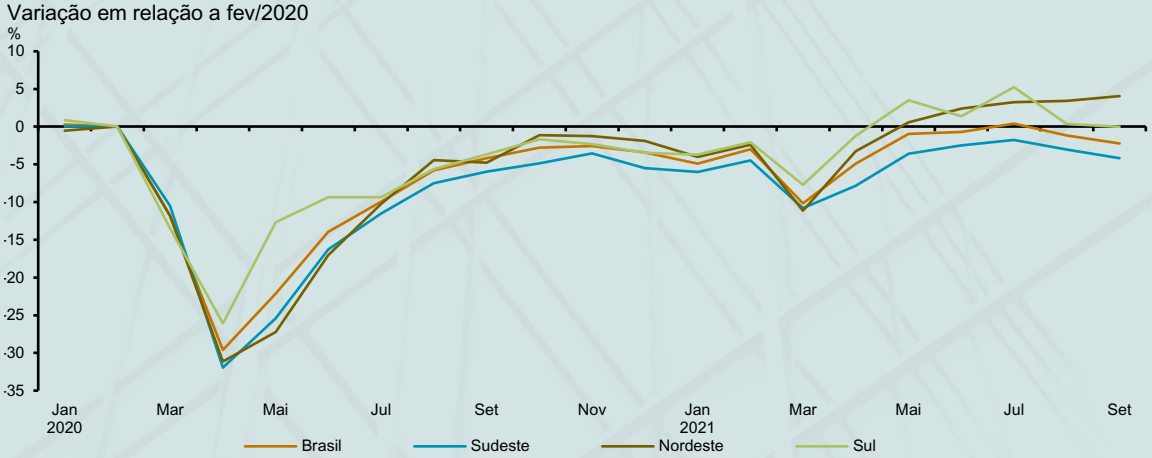
4/ A Tabela 1 do Anexo apresenta uma comparação entre os pesos da TRU e da POF.

5/ Ressalte-se que, em fevereiro de 2020, o nível de consumo de bens e serviços no Nordeste estava abaixo da média de 2019, -1,2% (Sudeste, +1,0%; Sul, +0,3%).

6/ Os Gráficos 2 a 4 apresentam a contribuição dos diferentes grupos de bens e serviços para a evolução da parcela do consumo das famílias coberta pelo indicador deste exercício, relativamente a fevereiro de 2020, mês imediatamente anterior aos primeiros efeitos da pandemia.

rápida nessa última, com forte influência da normalização do consumo de serviços às famílias e do crescimento das compras de automóveis (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Consumo de bens e serviços
Variação em relação a fev/2020

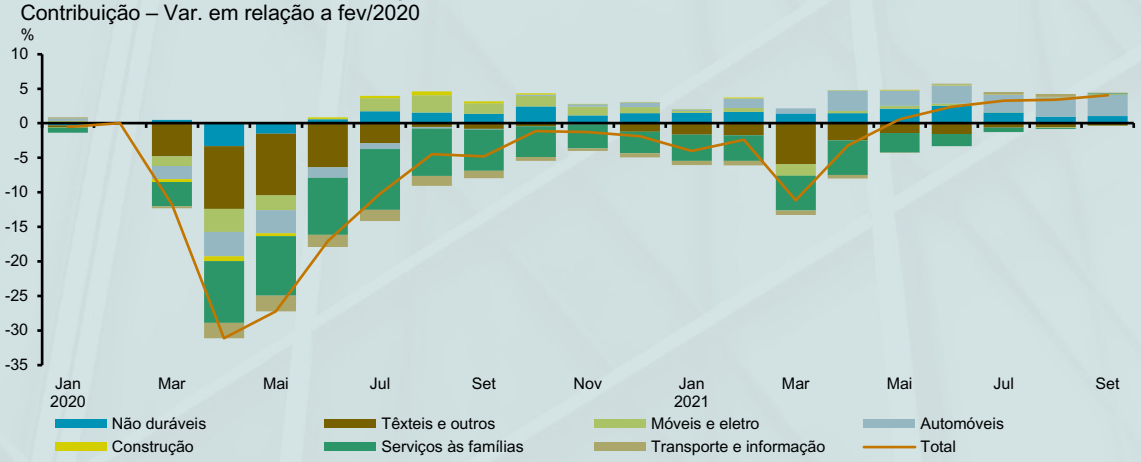


Fonte: IBGE, elaboração BCB

O Nordeste é a região com maior recuperação do consumo de serviços às famílias em relação ao patamar pré-pandemia. Considerando a redução no número de beneficiários e no valor do AE, esse desempenho pode ter sido influenciado pela retomada do setor de turismo, em ritmo mais intenso do que o observado nas outras regiões[7]. No Sul e, principalmente, no Sudeste, a normalização dos serviços às famílias pode representar impulso importante para o consumo das famílias nessas regiões no último trimestre do ano, caso a renda necessária para esse aumento do consumo de serviços não seja desviada da aquisição de bens.

Em síntese, o impacto da pandemia sobre o consumo de bens e serviços foi diferenciado entre as regiões, refletindo as diferenças de renda, padrões de consumo e, possivelmente, as medidas compensatórias adotadas pelo governo, em especial o AE. Na margem, os efeitos já verificados da vacinação na atenuação da crise sanitária favorecem a volta à normalidade de atividades que dependem de maior interação social, contribuindo para a manutenção da retomada do setor de serviços às famílias no Nordeste e para o aumento do consumo desses serviços nas regiões Sudeste e Sul.

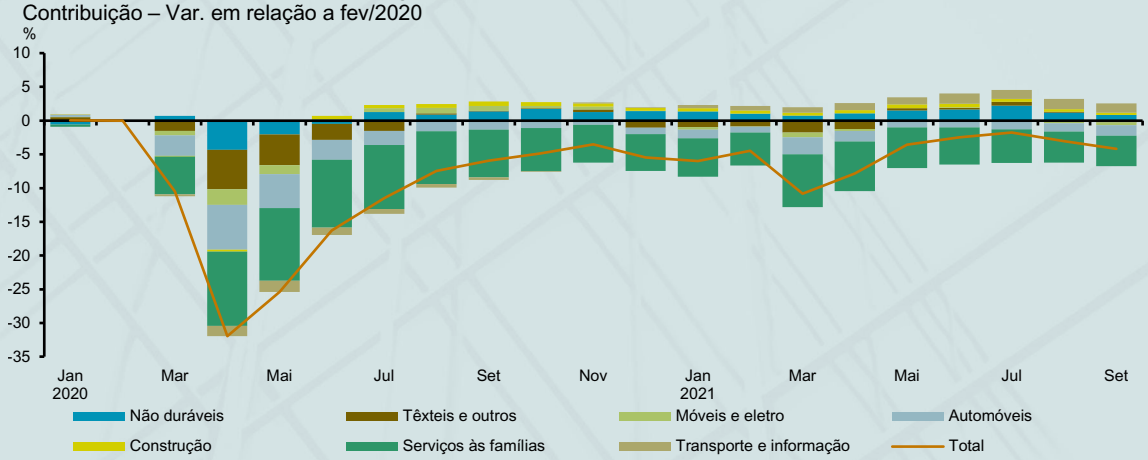
Gráfico 2 – Consumo de bens e serviços – Nordeste
Contribuição – Var. em relação a fev/2020



Fonte: IBGE, elaboração BCB

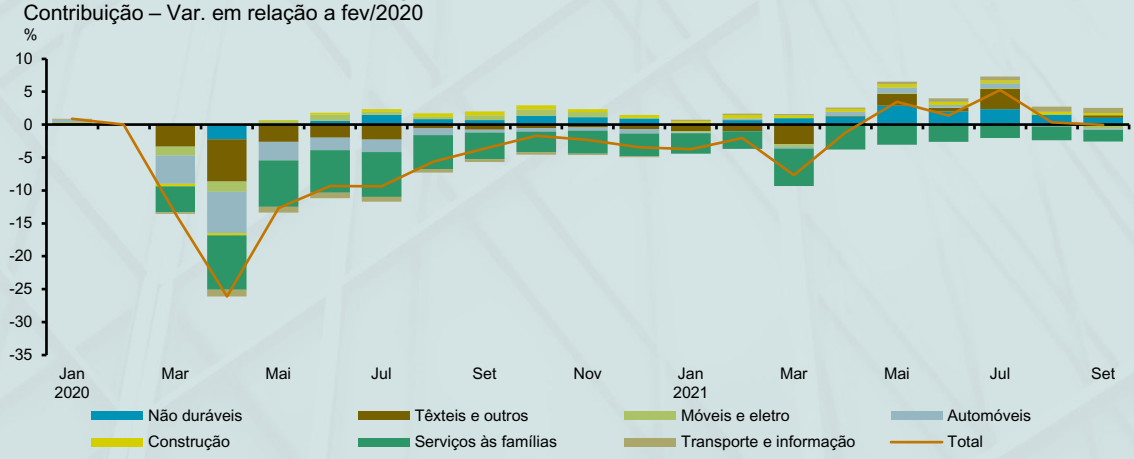
7/ Ver boxe "Recuperação regional das atividades turísticas" neste Boletim Regional.

Gráfico 3 – Consumo de bens e serviços – Sudeste
Contribuição – Var. em relação a fev/2020



Fonte: IBGE, elaboração BCB

Gráfico 4 – Consumo de bens e serviços – Sul
Contribuição – Var. em relação a fev/2020



Fonte: IBGE, elaboração BCB

Anexo

Tabela 1 – Pesos de bens e serviços no consumo das famílias (PMC e PMS)

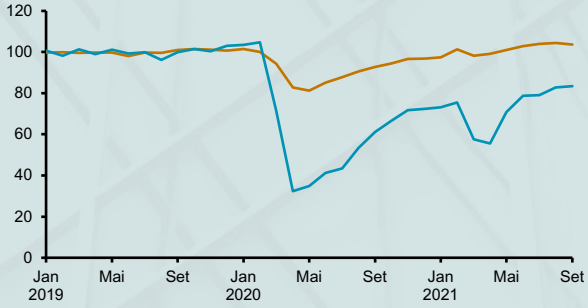
Discriminação	TRU	POF
Bens	**77,2%**	**72,6%**
Combustíveis e lubrificantes	9,3%	9,2%
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	36,4%	22,8%
Tecidos, vestuário e calçados	8,9%	6,9%
Móveis e eletrodomésticos	6,5%	4,2%
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	4,2%	11,9%
Livros, jornais, revistas e papelaria	1,3%	1,0%
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	1,0%	2,3%
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,5%	2,7%
Veículos, motocicletas, partes e peças	5,7%	9,6%
Material de construção	1,4%	2,1%
Serviços	**22,8%**	**27,4%**
Serviços de alojamento e alimentação	10,5%	9,4%
Outros serviços prestados às famílias	2,0%	5,6%
Telecomunicações	4,6%	5,3%
Serviços de tecnologia da informação	0,1%	1,6%
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	0,1%	0,0%
Transporte terrestre	3,7%	4,0%
Transporte aquaviário	0,1%	0,0%
Transporte aéreo	0,5%	1,0%
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,3%	0,4%

Fonte: IBGE, elaboração BCB

Recuperação regional das atividades turísticas

O setor de turismo foi substancialmente impactado pela crise sanitária tanto em 2020 como em 2021. Dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o Brasil mostram que, diferentemente do índice geral, o setor ainda não voltou ao patamar pré-pandemia, embora apresente recuperação nos últimos meses.

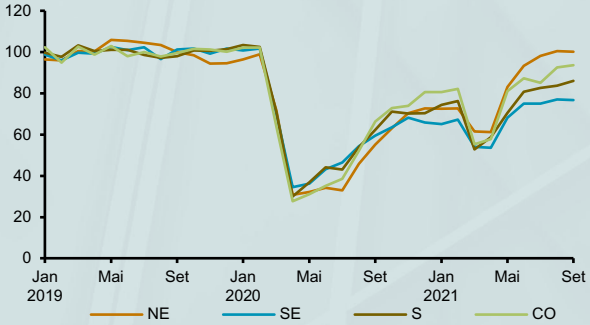
Gráfico 1 – Volume do setor de serviços
Brasil
Dados dessazonalizados (2019 = 100)



Fonte: IBGE

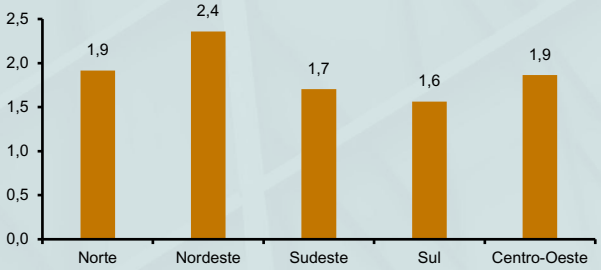
A análise regional evidencia ritmos de recuperação distintos, sobressaindo o crescimento superior do Nordeste, em comparação, sobretudo, com o do Sudeste[1]. Nos últimos três meses, com dados dessazonalizados, situam-se, respectivamente, 0,4% e 23,7% abaixo do nível pré-pandemia (média de 2019). A maior participação das atividades turísticas no emprego formal no Nordeste, em comparação às demais regiões (Gráfico 3), torna essa retomada ainda mais relevante para a economia local.

Gráfico 2 – Volume do setor de serviços
Atividades turísticas
Dados dessazonalizados (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Gráfico 3 – Participação das atividades turísticas[1/] no emprego formal
Percentual em relação ao total de empregos na região



Fonte: Ministério do Trabalho/RAIS 2019
1/ Alojamento, serviços culturais e lazer, locação de automóveis, agências de viagens e operadoras turísticas, transportes turísticos.

Em ambiente de restrições de voos internacionais[2] e de turismo de negócios ainda retraído[3], a recuperação do setor decorre, em grande medida, do turismo de lazer interno. Em linha com os dados da PMS, informações

1/ Os dados da PMS de turismo são divulgados para todas as UF do Sul e Sudeste e para três no Nordeste (Ceará, Pernambuco e Bahia) e duas no Centro-Oeste (Goiás e Distrito Federal). Não há informação para nenhuma UF do Norte.

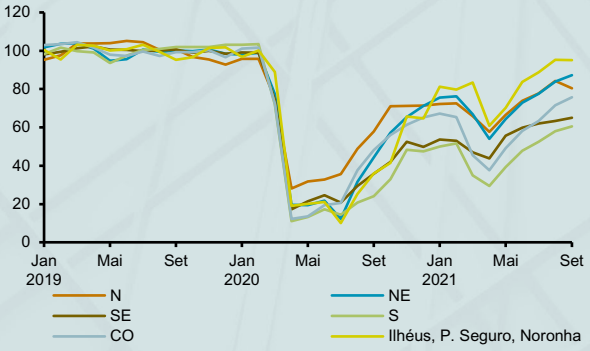
2/ Segundo a Associação Internacional de Transporte Aéreo (IATA), a demanda por voos internacionais no mundo, em setembro de 2021, foi 69,2% menor do que em setembro de 2019 em meio a contínuos fechamentos de fronteira e medidas de quarentena.

3/ De acordo com relatos de representantes do setor hoteleiro, coletados no segundo semestre de 2021 em reuniões organizadas pelo Depec com representantes do setor não-financeiro para obter informações sobre as economias locais e a evolução da conjuntura econômica.

sobre voos comerciais oriundas da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) mostram melhora mais acentuada no Nordeste, destacando-se os voos para aeroportos fora das capitais e mais próximos a importantes destinos turísticos (Porto Seguro, Ilhéus e Fernando de Noronha).

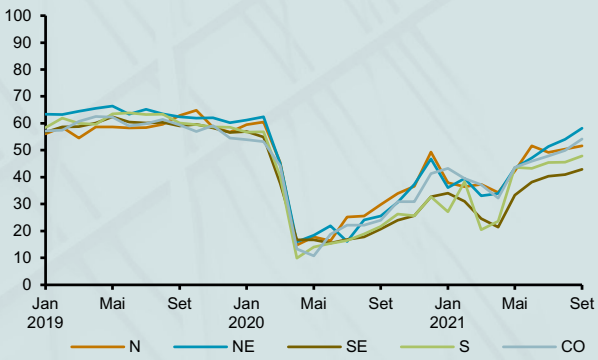
O setor hoteleiro também apresenta melhora nos seus indicadores. Segundo pesquisa do Fórum de Operadores Hoteleiros do Brasil (FOHB)[4], a taxa de ocupação apresenta tendência de alta e atingiu níveis superiores aos observados entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021, antes do recrudescimento da crise sanitária, em todas as regiões. Dentre as capitais pesquisadas, Recife, Rio de Janeiro, Goiânia e Vitória já atingiram, em setembro, ocupação próxima ao patamar histórico para o mês.

Gráfico 4 – Voos realizados por região de destino
Dados dessazonalizados (2019 = 100)



Fonte: ANAC

Gráfico 5 – Taxa de ocupação de hotéis
Dados dessassonalizados

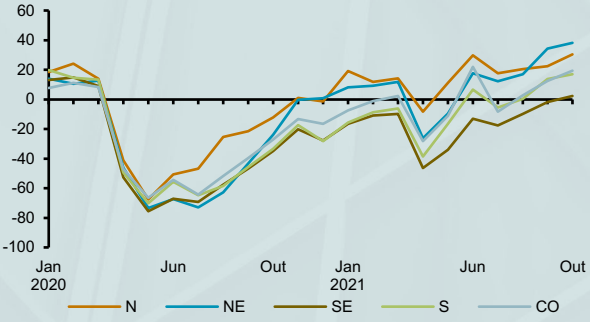


Fonte: InFOHB

O total de pagamentos feitos ao setor hoteleiro através de cartões de crédito e débito[5], revela recuperação em todas as regiões e mais acelerada no Nordeste, região que, desde junho, superou o patamar de 2019 em valores nominais.

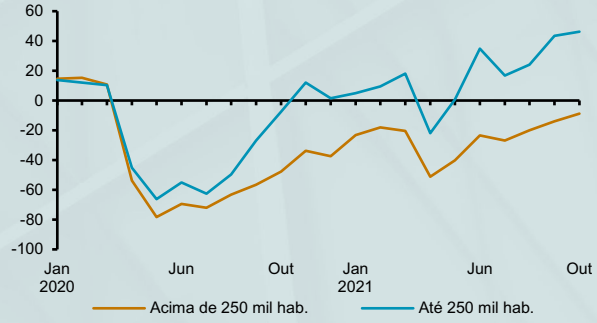
Segmentando os dados por porte de cidade, observa-se recuperação mais acentuada do setor hoteleiro em municípios com até 250 mil habitantes, padrão que se repete em todas as regiões. Tal fato sugere que o turismo de lazer tem sido preponderante na retomada do setor, enquanto o turismo de negócios, que geralmente ocorre em capitais e cidades maiores[6], ainda sofre os efeitos das mudanças de comportamento das empresas decorrentes da pandemia. Adicionalmente, esse fato é compatível com a hipótese de que as pessoas têm procurado destinos com atrações em espaços abertos, como praias em cidades menores, e ainda evitam aqueles com atividades em ambientes fechados ou aglomerados.

Gráfico 6 – Vendas com cartão de débito e crédito
Setor hoteleiro
Variação em relação ao mesmo mês de 2019



Fonte: Câmara Interbancária de Pagamentos (CIP); elaboração BCB

Gráfico 7 – Vendas com cartão de débito e crédito
Setor hoteleiro
Variação em relação ao mesmo mês de 2019



Fonte: Câmara Interbancária de Pagamentos (CIP); elaboração BCB

4/ Pesquisa com 505 hotéis de redes associadas, responsáveis pela oferta de cerca de 80 mil unidades habitacionais. Os resultados são consistentes com aqueles obtidos em alguns estados pesquisados pela Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH).

5/ Dados da Câmara Interbancária de Pagamentos (CIP) para as Classes "*Hotéis e similares*" e "*Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente*" da Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE).

6/ Essa interpretação é corroborada por relatos de representantes do setor hoteleiro, mencionados na nota de rodapé 3.

O turismo está sendo um dos últimos setores a se recuperar, na medida em que é fortemente dependente do contato social. Condicionado ao não agravamento da pandemia, o crescimento verificado nos meses mais recentes deve continuar, em linha com o avanço da vacinação[7], com impactos relevantes no emprego. Regionalmente, o Nordeste está mais avançado no processo.

7/ Ver boxe "Consumo de bens e serviços na pandemia" do Relatório de Inflação de setembro de 2021 e "Consumo Regional de Bens e Serviços na Pandemia" neste Boletim Regional.

Evolução regional do crédito no terceiro trimestre de 2021

O saldo de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) cresceu no terceiro trimestre de 2021 condicionado por aumentos no segmento empresarial (pessoa jurídica – PJ) (3,6%) e, principalmente, nas operações com pessoas físicas (PF) (6,4%), em linha com a retomada do consumo e o aumento na demanda por financiamentos rurais. No agregado, o crédito nas cinco grandes regiões brasileiras[1] registrou crescimento trimestral de 5,2% em setembro[2].

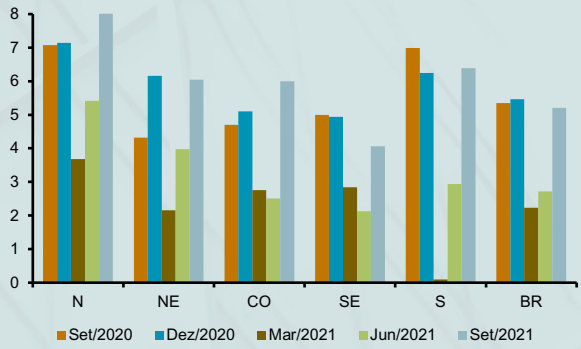
Tabela 1 – Crédito PF e PJ – por região[1/]
Set 2021

Valores em R$ bilhões

Região e UF	PF		PJ	
	Saldo	Var. % tri.[2/]	Saldo	Var. % tri.[2/]
Norte	139,43	8,8	62,96	7,5
Acre	7,09	9,5	2,95	4,1
Amazonas	23,29	7,7	15,84	3,5
Amapá	6,67	8,0	3,63	3,1
Pará	52,82	8,5	23,99	10,8
Rondônia	26,65	9,6	6,64	11,4
Roraima	5,30	8,0	1,92	1,7
Tocantins	17,61	9,6	7,98	8,2
Nordeste	402,10	6,4	179,25	5,3
Alagoas	23,29	5,9	7,46	6,6
Bahia	103,94	6,3	53,10	3,1
Ceará	59,07	6,7	37,41	4,5
Maranhão	44,70	7,4	14,13	10,1
Paraíba	34,64	5,4	7,84	7,7
Pernambuco	66,31	6,4	30,79	4,5
Piauí	21,57	7,0	10,59	13,8
Rio Grande do Norte	29,60	5,9	11,56	1,0
Sergipe	18,98	5,6	6,37	15,1
Centro-Oeste	346,41	7,1	185,95	4,0
Distrito Federal	68,00	5,4	57,31	2,3
Goiás	126,56	7,3	57,03	3,8
Mato Grossso do Sul	57,56	7,3	21,80	5,8
Mato Grosso	94,29	8,1	49,81	5,4
Sudeste	1 137,67	5,7	1 075,97	2,4
Espírito Santo	38,13	4,9	30,61	0,7
Minas Gerais	238,86	5,9	163,04	8,5
Rio de Janeiro	184,74	6,1	228,60	0,6
São Paulo	675,93	5,5	653,72	1,7
Sul	506,65	7,0	363,62	5,6
Paraná	194,99	7,1	138,32	6,2
Rio Grande do Sul	190,56	7,4	108,89	5,1
Santa Catarina	121,10	5,9	116,41	5,3

1/ Operações com saldo superior a R$ 1 mil.
2/ Comparativamente ao saldo de junho de 2021.

Gráfico 1 – Evolução do saldo do crédito
Variação % trimestral



O Norte continuou assinalando a maior taxa de expansão no trimestre, tanto no segmento PF como no PJ, com destaque para os empréstimos no Pará e em Rondônia. As demais regiões também apresentaram crescimentos significativos, em cenário de recuperação da mobilidade e retomada gradual da atividade e do consumo (Tabela 1). Dentre as principais modalidades de contratação de PF, predominaram os empréstimos pessoais (consignados ou não) na maior parte das regiões. Adicionalmente, o crédito rural destacou-se no Norte, no Centro-Oeste e, principalmente, no Sul, em função do Plano Safra 2021/2022, cujas liberações se concentram de julho a setembro. Os financiamentos imobiliários por sua vez mantiveram crescimento, a despeito da elevação da Selic. O nível historicamente baixo da taxa de juros incidente nessas operações condicionou a trajetória favorável de tais financiamentos, sobretudo no Sudeste (Tabela 2).

O crédito às empresas também expandiu em todas as regiões no terceiro trimestre, sob efeito do impulso

1/ Operações dos clientes com dívidas superiores a R$1 mil na instituição financeira. Não inclui crédito contratado por não residentes.
2/ Variação nominal comparativamente ao saldo de junho de 2021.

adicional de recursos do Pronampe. Em particular a alta mais moderada no Sudeste refletiu diminuição nos financiamentos à exportação no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, com a amortização de parte das operações contratadas em 2020. No segmento de recursos direcionados, além das operações de Pronampe, classificadas em outros créditos direcionados, destacaram-se o crédito rural no Centro-Oeste e financiamentos do BNDES no Nordeste. No crédito livre, houve incrementos expressivos em operações de prazo mais curto, como títulos descontados, e para capital de giro e financiamento de veículos.

O comércio sobressaiu como principal demandante de crédito no trimestre em todas as regiões. No Norte (Pará) e Nordeste destacaram-se ainda as contratações de empresas de eletricidade e gás. Em linha com o dinamismo da agropecuária, o Centro-Oeste apresentou forte crescimento das operações nesse setor, em especial no Mato Grosso. No Sudeste, o crescimento do crédito em outros serviços foi influenciado, principalmente, pelo acréscimo de saldos a holdings de instituições não financeiras. No Sul, houve expansão de concessões às empresas de fabricação de alimentos e bebidas – exceto açúcar – bem como às de transporte rodoviário de carga, a exemplo do Sudeste (Tabela 3).

Tabela 2 – Crédito PF – por modalidade e por região[1/]
Maiores variações (por valor absoluto) – Set 2021

Regiões e modalidades	Var. trimestral[2/]		Estoque
	R$ milhões	%	R$ milhões
Norte			
Crédito consignado	2 465	6,3	41 742
Financ. rurais	2 407	13,5	20 281
Crédito pessoal não consignado	1 703	14,2	13 714
Nordeste			
Cartão de crédito à vista	5 788	13,2	49 608
Crédito consignado	4 804	4,5	111 338
Financ. imobiliários	3 371	3,0	115 933
Centro-Oeste			
Financ. rurais	7 808	9,8	87 105
Financ. imobiliários	3 652	4,3	88 730
Crédito consignado	2 536	4,9	54 254
Sudeste			
Financ. imobiliários	17 374	4,4	413 417
Cartão de crédito à vista	11 917	10,2	128 757
Crédito pessoal não consignado	9 971	11,1	99 727
Sul			
Financ. rurais	11 856	16,0	85 962
Financ. imobiliários	5 602	3,8	153 401
Cartão de crédito à vista	3 330	9,8	37 384

1/ Operações com saldo superior a R$ 1 mil.
2/ Comparativamente ao saldo de junho de 2021.

Tabela 3 – Crédito regional PJ – por atividade[1/]
Maiores variações (por valor absoluto) – Set/2021

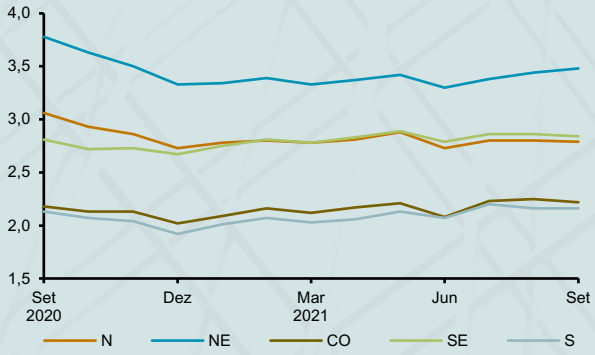
Regiões e atividades	Var. trimestral[2/]		Estoque
	R$ milhões	%	R$ milhões
Norte			
Comércio	1 684	10,0	18 454
SIUP	772	18,6	4 923
Indústrias de transformação	628	7,4	9 097
Nordeste			
Comércio	3 094	8,1	41 206
SIUP	2 612	11,6	25 158
Outros serviços	1 236	5,3	24 578
Centro-Oeste			
Comércio	1 653	3,9	44 082
Outros serviços	1 419	6,6	22 798
Agropecuária	1 333	13,3	11 383
Sudeste			
Comércio	9 593	4,6	218 004
Outros serviços	5 197	2,3	232 998
Transportes	3 654	3,4	110 230
Sul			
Comércio	7 812	7,6	110 090
Indústrias de transformação	4 151	4,2	104 029
Transportes	2 105	5,9	38 038

1/ Operações com saldo superior a R$ 1 mil.
2/ Comparativamente ao saldo de junho de 2021.

A inadimplência das carteiras de crédito permaneceu reduzida, mesmo após o fim de carências concedidas em 2020. O percentual de atrasos acima de noventa dias do crédito PF manteve-se relativamente estável de julho a setembro, exceto no Nordeste, que apresenta desde janeiro de 2019 o maior percentual de atraso da carteira, e cuja ampliação decorreu, em boa medida, do inadimplemento no cartão de crédito financiado (Gráfico 2). Os atrasos no conjunto do crédito PJ – em patamar inferior àqueles das operações PF – registraram retração no Sudeste, no Centro-Oeste e no Sul (Gráfico 3), resultando em discreto recuo no cômputo nacional.

Gráfico 2 – Inadimplência – PF[1/]

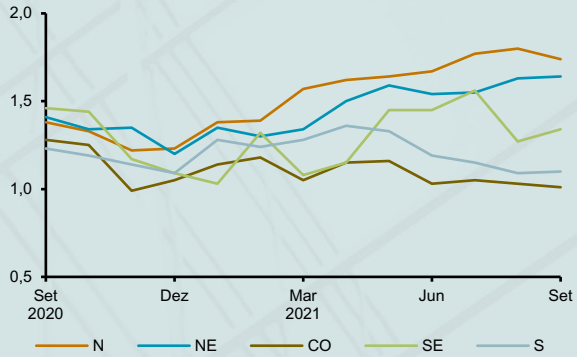
% de operações com ao menos uma parcela em atraso há mais de 90 dias



1/ Operações com saldo superior a R$ 1 mil.

Gráfico 3 – Inadimplência – PJ[1/]

% de operações com ao menos uma parcela em atraso há mais de 90 dias



1/ Operações com saldo superior a R$ 1 mil.

A despeito do arrefecimento na recuperação da atividade econômica e do aperto monetário, os resultados sinalizam maior ritmo de expansão do crédito na margem, comparativamente aos dois trimestres anteriores, em especial pelo dinamismo do segmento PF. Apesar da taxa de crescimento mais alta no Norte, sobressaiu o crédito também no Centro-Oeste e no Sul, cujos resultados repercutiram a expansão das carteiras de financiamento rural. No segmento corporativo, a carteira com recursos direcionados liderou o incremento de concessões, destacando-se também a ampliação em operações de menor prazo. Regionalmente, o aumento do saldo de crédito às empresas no Sudeste, após recuo no trimestre anterior, foi determinante para a maior taxa de expansão do saldo agregado nacional.

Apêndice

Banco Central do Brasil

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Banco Central do Brasil

Presidente
Roberto Oliveira Campos Neto

Diretor de Política Econômica
Fabio Kanczuk

Chefe do Departamento Econômico
Ricardo Sabbadini

Representações Regionais do Departamento Econômico

Coordenação Regional do Nordeste

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste na Bahia

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste no Ceará

Coordenação Regional do Norte e Sul

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Pará

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Paraná

Coordenação Regional do Sudeste

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste no Rio de Janeiro

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Coordenação Regional do Nordeste	Rua da Aurora, 1259 – Santo Amaro Caixa Postal 1.445 50040-090 – Recife (PE) *E-mail*: pe.depec@bcb.gov.br
Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste na Bahia	Av. Anita Garibaldi, 1.211 – Ondina Caixa Postal 44 40210-901 – Salvador (BA) *E-mail*: ba.depec@bcb.gov.br
Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste no Ceará	Av. Heráclito Graça, 273 – Centro Caixa Postal 891 60140-061 – Fortaleza (CE) *E-mail*: ce.depec@bcb.gov.br
Coordenação Regional do Norte e Sul	Rua 7 de setembro, 586 – Centro Caixa Postal 919 90010-190 – Porto Alegre (RS) *E-mail*: rs.depec@bcb.gov.br
Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Pará	Boulevard Castilhos França, 708 – Centro Caixa Postal 651 66010-020 – Belém (PA) *E-mail*: pa.depec@bcb.gov.br
Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Paraná	Av. Cândido de Abreu, 344 – Centro Cívico Caixa Postal 1.408 80530-914 – Curitiba (PR) *E-mail*: pr.depec@bcb.gov.br
Coordenação Regional do Sudeste	Av. Paulista, 1804 – Bela Vista Caixa Postal 8.984 01310-922 – São Paulo (SP) *E-mail*: gtspa.depec@bcb.gov.br
Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais	Av. Álvares Cabral, 1.605 – Santo Agostinho Caixa Postal 887 30170-001 – Belo Horizonte (MG) *E-mail*: mg.depec@bcb.gov.br
Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste no Rio de Janeiro	Av. Presidente Vargas, 730 – Centro Caixa Postal 495 20071-900 – Rio de Janeiro (RJ) *E-mail*: rj.depec@bcb.gov.br

Siglas

a.a.	Ao ano
ABIH	Associação Brasileira da Indústria de Hotéis
AE	Auxílio emergencial
Anac	Agência Nacional de Aviação Civil
Caged	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CIP	Câmara Interbancária de Pagamentos
CNAE	Classificação Nacional das Atividades Econômicas
CNC	Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
CNI	Confederação Nacional da Indústria
Conab	Companhia Nacional de Abastecimento
Covid-19	Doença Coronavírus
Depec	Departamento Econômico
Fecomércio-PE	Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Pernambuco
Fenabrave	Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores
Fiec	Federação das Indústrias do Estado do Ceará
Fiemg	Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
FOHB	Fórum de Operadores Hoteleiros do Brasil
FT	Força de trabalho
IATA	Associação Internacional de Transporte Aéreo
IBC-Br	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil
IBCR	Índice de Atividade Econômica Regional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Icec	Índice de Confiança do Empresário do Comércio
Icei	Índice de Confiança do Empresário Industrial
ICF	Intenção de Consumo das Famílias
IPCA	Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo
LSPA	Levantamento Sistemático da Produção Agrícola
ME	Ministério da Economia
MTP	Ministério do Trabalho e Previdência
p.p.	Pontos percentuais
PAM	Produção Agrícola Municipal
PF	Pessoa física
PIA	Pesquisa Industrial Anual
PIM-PF	Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física
PJ	Pessoa jurídica
PMC	Pesquisa Mensal do Comércio
PNAD Contínua	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PNADC-T	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Trimestral
POF	Pesquisa de Orçamentos Familiares
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
RMC	Região Metropolitana de Curitiba

RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
RMR	Região Metropolitana do Recife
RMRJ	Região Metropolitana do Rio de Janeiro
RMS	Região Metropolitana de Salvador
Secex	Secretaria de Comércio Exterior
SFN	Sistema Financeiro Nacional
SIUP	Serviços Industriais de Utilidade Pública
SLC	Sistema de Liquidação de Cartões
SNIPC	Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor
TRU	Tabelas de Recursos e Usos
UF	Unidade da Federação
VTI	Valor da Transformação Industrial

BANCO CENTRAL
DO BRASIL

bcb.gov.br